

Estudos Sobre Arte Rupestre

In memoriam
Andrea Martins



Associação dos Arqueólogos Portugueses

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Coordenação Editorial

José Morais Arnaud, César Neves e Mariana Diniz

Design gráfico

Paulo Freitas

Desenhos da capa e contracapa

Motivos da Lapa dos Gaivões, Paineil 6. © Andrea Martins

Impressão

Greca, Artes Gráficas

Tiragem

400 exemplares

ISBN

978-989-35672-3-4

Depósito legal

544271/25

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os textos desta publicação são da inteira responsabilidade dos autores.

4

Prefácio

José Morais Arnaud

8

In memoriam Andrea Martins

Mariana Diniz

14

O universo feminino na arte rupestre portuguesa e os rios da sua memória

Sofia Figueiredo-Persson

48

Arte Rupestre Portuguesa no Feminino

Joana Valdez-Tullett

94

Rocha 9 do Fariseu: contributo para a datação e contextualização da arte do Côa

Thierry Aubry, André Tomás Santos, Miguel Almeida, Sílvia Aires, António Fernando Barbosa, Luís Luís, Marcelo Silvestre

146

Contributos para o conhecimento da produção gráfica magdalenense do Vale do Côa: o dispositivo parietal paleolítico da rocha 80 do Vale de José Esteves

André Tomás Santos, Tania Mosquera Castro, João Fernandes, Luís Luís, Marcelo Silvestre, Thierry Aubry, Miguel Almeida

178

O projecto LandCRAFT e a Arte Esquemática do Vale do Côa

Lara Bacelar Alves, Mário Reis, João Muralha Cardoso, Vera Caetano, Beatriz Comendador Rey, Bárbara Carvalho, Susana Lopes, Teresa Silva, Fernando Carrera Ramírez, Teresa Rivas Brea, Andrew Meirion Jones, Hannah Sackett, António Batarda Fernandes, José Santiago Pozo Antonio, Pablo Barreiro, Sérgio Gomes

220

As gravuras das rochas 1 e 2 de Namoradas (Urgal, Vila Nova de Foz Côa).

Contributo para o conhecimento da arte esquemática gravada do Complexo Rupestre Côa-Douro

Mário Varela Gomes

264

Revisitando o Monte Faro (Valença do Minho): um extraordinário complexo de Arte Atlântica do Noroeste peninsular

Lara Bacelar Alves, Mário Reis, Joanna Valdez-Tullett

286

Onde se perpetuam os mitos... A evolução da arte rupestre pré-histórica de Serranópolis na sua paisagem, Goiás, Brasil

Antonio Batarda Fernandes, Rosiclér Theodoro da Silva, Julio Cezar Rubin de Rubin, Fernanda Elisa Costa P. Resende, Claudete Radel, Maira Barberi

306

Os Arquivos da Arte Rupestre do Tejo

Francisco Sande Lemos

330

Andrea Martins. Biobibliografia

César Neves

Prefácio

José Morais Arnaud

Presidente da Direcção da Associação dos Arqueólogos Portugueses

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



No dia 22 de Junho de 2024 deixou-nos Andrea Martins, que fez parte da Associação dos Arqueólogos Portugueses desde o dia 14 de Dezembro de 2004 e integrou os seus corpos gerentes durante os últimos 6 anos, tendo dado uma contribuição do maior relevo para a dinamização desta instituição de utilidade pública, sem fins lucrativos, quer no âmbito das actividades da Secção de Pré-História, contribuindo para o seu funcionamento regular, quer ainda organizando diversos colóquios temáticos, estabelecendo a ponte entre os arqueólogos mais experientes e as novas gerações. A sua contribuição tornou-se especialmente relevante nos últimos dez anos, tendo desempenhado um papel fundamental na organização da Festa da Arqueologia e sobretudo dos Congressos de Arqueologia da AAP de 2013, 2017, 2020 e 2023, nos quais foram apresentadas e publicadas centenas de comunicações, mobilizando toda a comunidade arqueológica. Como membro da Direcção da AAP assumiu com grande eficiência a coordenação das publicações da AAP, em estreita colaboração com César Neves.

Além desta intensa actividade associativa, a Andrea destacou-se sobretudo pelas suas qualidades humanas e pelo trabalho que desenvolveu como investigadora no domínio da Arte Pré-Histórica, revelando um conjunto muito vasto de representações artísticas, que estudou de uma forma inovadora, quer do ponto de vista metodológico, quer sobretudo da abordagem teórica.

A Direcção da AAP decidiu, assim, que a melhor forma de homenagear uma arqueóloga cuja promissora carreira como investigadora foi precocemente cerceada, seria através da organização de um Colóquio sobre Arte Rupestre, em que se apresentassem os resultados das mais recentes investigações nesse domínio. Foram assim convidados a apresentar comunicações autores já com um vasto currículo, bem como investigadores das gerações mais recentes, envolvidos em projectos de longo prazo, alguns dos quais ainda em fase de arranque, que também a incluíam como investigadora. Felizmente, a resposta foi bastante positiva, pelo que pudemos incluir no volume que agora se apresenta as contribuições de cerca de três dezenas de autores, que representam o estado da arte neste domínio, constituindo um excelente ponto de partida e uma obra de referência incontornável para futuras investigações.

Arte Rupestre Portuguesa no Feminino

Joana Valdez-Tullett

Durham University (Reino Unido) / Wessex Archaeology Ltd (Reino Unido)

Joana.Valdez-Tullett@durham.ac.uk

Para a Andrea

*“(…) pela literatura feminista dá a mulher ao mundo uma fisionomia nova, como se de um acto de amor convencional se tratasse e dela(s) nascessem mil formas diferentes de viver as relações, de estruturar as sociedades, de pensar e agir a técnica e a política, de buscar a beleza e a bondade das coisas (...). (...) toda essa escrita vai dando corpo à afirmação fundamental: **a mulher tem uma identidade própria e, com próprio gesto com que reclama igualdade, traça na história a sua fundamental diferença**”.*

(Maria de Lourdes Pintasilgo, Prefácio (leitura longa e descuidada) em “Novas Cartas Portuguesas”, 2010: p. XLVII, XLVIII – realce da autora do artigo).

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



Resumo: A longa historiografia da arte rupestre em Portugal está associada a importantes eventos como o Salvamento da Arte Rupestre do Vale do Tejo e o Processo Côa nas décadas de 1970 e 1990, ambos relacionados com empreendimentos hidroelétricos. Nestes episódios participaram grupos mistos de pessoas que depois ocuparam lugares de destaque nos meios académicos e institucionais em Portugal e no estrangeiro. Contudo, a historiografia da arte rupestre é dominada por contributos masculinos até ao virar do milénio. A partir dos anos 2000 novos projetos implementam métodos, técnicas e teorias inovadoras. Grande parte destes trabalhos são desenvolvidos por mulheres, mas a voz feminina continua silenciada pelo predomínio masculino. Este artigo faz uma breve resenha bibliográfica da arte rupestre em Portugal com ênfase nas mulheres e reflete sobre o contributo destas para este tema no país.

Palavras-chave: Arte Rupestre; Portugal; Arqueólogas; Feminismo; Arqueologia de Género.

Abstract: Rock art has a long research biography in Portugal, associated to events such as the rescue of the Tagus Valley carvings in the 1970s and the Côa Process in the 1990s, related to the construction of dams. Mixed groups of people were involved, some of which later appointed for important academic and institutional roles in Portugal and abroad. However, the rock art's research biography in the country is largely dominated by men, at least until the turn of the millennium. Since the 2000s systematic studies, many of which led by women and related to their doctoral degrees, introduced new methods, techniques and theories. Nevertheless, female voices remains largely silenced. This article offers a short overview of rock art historiography in Portugal with an emphasis on women and their contribution to rock art studies.

Keywords: Rock Art; Portugal; Female archaeologists; Feminism; Gender Archaeology.

1.Introdução

A Arqueologia enquanto disciplina tem uma biografia maioritariamente dominada por intervenientes masculinos. Esta não é apenas uma característica portuguesa, mas estende-se a todos os países europeus com prática arqueológica ativa. Esta ausência de mulheres verifica-se na historiografia da arqueologia ao nível do corpo profissional, na interpretação do passado e na divulgação do conhecimento. A história das mulheres e a sua presença nas várias partes do processo arqueológico começa agora a surgir de forma mais consistente, numa altura em que vai aumentando o interesse pelos Estudos de Género e a Teoria Feminista.

Não obstante, é óbvio que sempre houve envolvimento de mulheres na prática arqueológica, e a ausência destas na biografia da disciplina é, em grande parte, fruto de parcialidade historiográfica e de uma sociedade de cariz patriarcal que tende a sobrevalorizar o ator masculino e a diminuir o contributo da mulher (Pope & Davies, 2023, 2024). Recentemente, este silêncio tem sido quebrado e as vezes que contam a história das mulheres, começam a ser mais audíveis. Vejamos, por exemplo, o caso das mulheres fotografadas por Vere Gordon Childe em c. 1929, nas suas escavações do povoado neolítico de Skara Brae (Ilhas Orkney, Escócia). Tidas como sendo apenas visitas pontuais ou turistas, um renovado interesse por estas mulheres levou a que Dan Hicks (Universidade de Oxford) questionasse as suas identidades na plataforma Twitter. Duas delas tinham já sido previamente identificadas (Breeze *et alli*, 2019), mas as restantes foram reconhecidas através deste exercício de investigação colaborativa em tempo real. Intervenientes atentos observaram que algumas mulheres seguravam nas mãos instrumentos de escavação como o colherim ou repararam no calçado que usavam, coberto de lama e pó. Estes pormenores levaram a que se sugerisse que estas mulheres não seriam apenas visitas mas que talvez se tratassem de pessoas envolvidas ativamente na escavação arqueológica. De facto, de entre elas contavam-se Margaret Simpson, considerada como sendo a primeira arqueóloga profissional escocesa e Margaret Mitchell, a única aluna de doutoramento de Gordon Childe na Universidade de Edimburgo, que obteve o grau em 1933 e que conduziu escavações em muitos sítios arqueológicos emblemáticos (Ralston, 2009:54, 65). Este exemplo reflete a parcialidade com que a nossa sociedade contemporânea vê as mulheres do início do século XX, e também como a historiografia da arqueologia é contada com ênfase no interlocutor masculino.

As primeiras mulheres arqueólogas de que há notícia em Portugal são estrangeiras, incluindo as britânicas Edith Guest, Margaret Smith e Jacquetta Hawkes, já nas décadas de 1930 e 1940 (A.C. Martins, 2016:81). Especial menção deve ser feita à alemã Vera Leisner que, com Georg Leisner, se dedica à pré-história e ao megalitismo Ibérico desde os finais dos anos 1920 e 1930. Leisner é a primeira mulher a dirigir trabalhos arqueológicos em Portugal na década de 1940 (Bugalhão, 2013, 2017:124).

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



É na segunda metade do século XX que mais mulheres se começam a envolver e a trabalhar em arqueologia, ainda que em números reduzidos e de forma modesta, conforme nos dá conta a investigação de Ana Cristina Martins (e.g., A.C. Martins, 2016) e Jacinta Bugalhão (e.g., 2017, 2024). Só nos anos de 1970 e inícios de 1980 o número de direções científicas feitas por mulheres aumenta, altura em que estas entram efetivamente na prática arqueológica (Bugalhão 2017: 127). O trabalho desenvolvido por Bugalhão oferece números concretos que nos dão conta de que entre 1970 e 1974 apenas 31 mulheres trabalhavam em arqueologia em Portugal, face a 150 homens (Bugalhão, 2024:203). Uma proporção de 4.8 homens para cada mulher, que apenas se torna mais paritária décadas mais tarde, entre os anos 2000 e 2004 (segundo Bugalhão, 2024). (Figura 1)

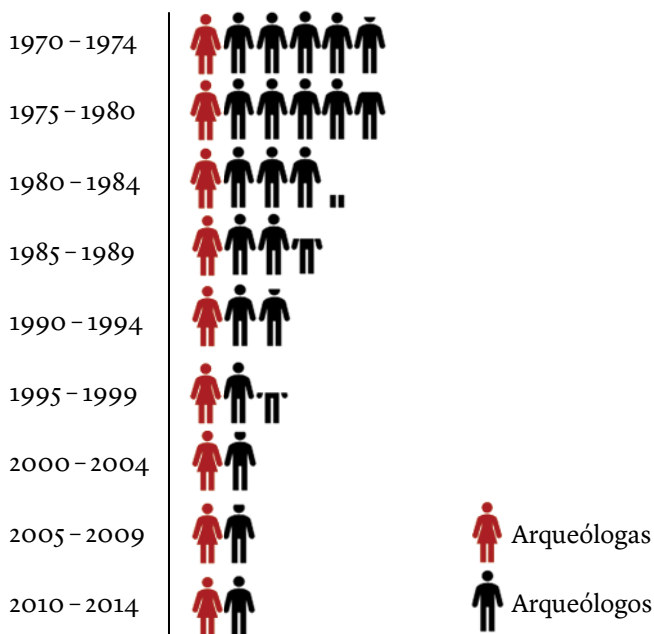


Figura 1 - Infograma com representação da proporção entre arqueólogos e arqueólogas em Portugal segundo dados de Bugalhão, 2024.

Posto isto, este artigo oferece uma reflexão sobre o papel de mulheres e homens no estudo da arte rupestre em Portugal, numa altura em que um grande número dos especialistas são do sexo feminino, mas a historiografia teima em silenciar as suas vozes. Faz um breve apanhado do contributo de várias mulheres para a diversificação da disciplina e das mudanças que as perspetivas femininas trouxeram para o tema. Ao contrário do que muitos ainda acreditam, Andrea Martins, a quem este volume se dedica e bem, já sabia que as mulheres também tiveram um papel ativo no processo de criação e interpre-

tação da arte rupestre, dedicando a sua tese de doutoramento “Às mulheres e homens pré-históricos que nos deixaram o pensamento marcado na rocha” (A. Martins, 2014:2).

2. Intervenientes da Arte Rupestre portuguesa: o início

A historiografia da arte rupestre em Portugal segue um padrão semelhante ao descrito na secção anterior. A primeira referência reconhecida a um sítio com arte rupestre, datada de 1738, foi escrita por D. Jerónimo Contador de Argote, e desde então notícias e artigos publicados acerca de gravuras e pinturas foram tipicamente publicados por autores masculinos. Ainda no século XX sobressaem os nomes de Francisco Martins Sarmiento e José Leite de Vasconcellos que escrevem várias notas sobre a arte rupestre de Portugal, bem como Estácio da Veiga e A. dos Santos Rocha mais interessados na Arte Megalítica. Na sua totalidade os textos eram escassos e pouco informativos (e.g., Sarmiento, 1878, 1888a, 1888b; Veiga, 1886; Vasconcellos, 1896, 1897; Rocha, 1899).

Não obstante, o interesse pela arte rupestre continua ao longo da primeira metade do século XX, com várias publicações regionais e monográficas nas primeiras décadas. É o caso do trabalho de José Fortes no virar do século que, apesar das suas deambulações difusionistas, propõe uma cronologia neolítica e provavelmente acertada para motivos circulares e espirais em monumentos megalíticos (1907). Na década seguinte destacam-se Serpa Pinto (1929) e Abel Viana (1929, 1960) com trabalhos no norte do país, Amorim Girão que estudara gravuras na Beira Alta (e.g., 1923, 1925), ou Vergílio Correia dedicado ao estudo das placas de xisto decoradas (1917a), às pinturas do Cachão da Rapa (1916, 1917b) e ao abrigo da Pala Pinta em Trás-os-Montes (Mesquita & Correia, 1922).

Nos anos de 1930 dão-se à estampa publicações de Alberto Souto para a região de Aveiro (Souto, 1932, 1938) ou Fontes para Trás-os-Montes (Fontes 1932a, 1932b, 1933). De particular interesse é o trabalho de Serpa Pinto que escreve sobre as rochas gravadas do Castro de Sabroso (1929) e estabelece uma relação entre a distribuição de gravuras rupestres e jazidas de estanho no noroeste peninsular, seguindo a linha de pensamento de Obermaier (Gomes, 2002:146). Em Trás-os-Montes, Francisco Alves, abade de Baçal dedica-se à arte de ar livre e decorações de monumentos megalíticos, oferecendo importantes achegas cronológicas (e.g., 1934).

É ainda na primeira metade do século XX que surgem as primeiras publicações de síntese, sendo que algumas são ainda hoje usadas como referências regionais. Enquanto Mendes Corrêa faz um ponto da situação geral da arte rupestre baseado na bibliografia disponível até à data (1924), Serpa Pinto inventaria as estações conhecidas até então (1931). Um trabalho continuado por Santos Júnior que em 1940 apresenta um novo inventário ao “Congresso do Mundo Português”, evento promovido pelo Estado Novo que celebra os oito

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



séculos da fundação da nacionalidade e os 300 anos da Restauração da Independência (Gomes, 2002:149).

As descobertas de novos sítios com arte rupestre ou arte megalítica continuam pelas décadas seguintes, ainda que com maior intensidade a norte do que a sul. Santos Júnior (e.g., 1940, 1944; Santos e Azevedo 1960), Mário Cardozo (e.g., 1941, 1951) e Afonso do Paço (e.g., 1942, 1961) são alguns dos nomes que mais contribuíram com publicações e levantamentos, por vezes revisitando sítios anteriormente identificados. É em 1963 que se dá a descoberta da Gruta do Escoural, que contém o único exemplar de arte Paleolítica em gruta de Portugal (Gomes, 2002:155). Na década de 1960 surgem as primeiras publicações de autoria de mulheres como Vera Leisner (e.g., Leisner e Ribeiro 1968) e Irisalva Moita (1966).

Para além de autores portugueses, o território também recebeu a visita de investigadores estrangeiros que escreveram vários artigos acerca da arte rupestre de Portugal e de Espanha, como sejam Hugo Obermaier (1923, 1925), Henri Breuil e os seus quatro volumes da obra *Les Peintures Rupestres Schématiques de la Péninsule Ibérique* (1933, 1935), López-Cuevillas que sistematiza a arte megalítica de Portugal (1948) e Anati que transpõe diretamente o esquema cronológico que desenvolve em Valcamonica para interpretar a arte do noroeste Iberico (1968).

É neste contexto altamente dominado por intervenientes masculinos que em 1970 a construção da barragem de Fratel no Vale do Tejo conduz à descoberta do maior complexo de arte rupestre pré-histórica no país até à data (Serrão *et alii*, 1972). O estudo e salvamento deste sítio arqueológico ímpar foi, sobretudo, conduzido por jovens estudantes de história e aspirantes de arqueologia, sob direção de Eduardo da Cunha Serrão. A equipa incluía membros masculinos e femininos e ficou conhecida como a “Geração do Tejo”, segundo expressão cunhada por António Carlos Silva (2011a) e que continuarei a utilizar ao longo deste texto. A descoberta e documentação desta arte rupestre foi o primeiro projeto de arqueologia diretamente relacionado com um grande empreendimento público (A.C. Silva, 2011a), abrindo as portas para a consolidação da arqueologia enquanto sector profissional em Portugal.

Os estudantes que então trabalharam no Tejo, muitos dos quais alunos do curso de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa eram, na sua maioria, membros do Grupo para o Estudo do Paleolítico Português (GEPP). Segundo Mário Varela Gomes, passaram pelo Vale do Tejo cerca de 47 pessoas, incluindo Eduardo da Cunha Serrão, 17 das quais eram mulheres (2010: II-III).

São conhecidos os destinos de alguns indivíduos desta geração que continuaram a trabalhar em arqueologia, sobretudo aqueles que ocuparam (e em alguns casos continuam a ocupar) lugares de destaque em universidades, museus, institutos e delegações da tutela. Nomes como António Martinho Baptista, Francisco Sande Lemos, Vitor Serrão ou António Carlos Silva e mesmo Susana Lopes (anteriormente Susana Oliveira Jorge) ou Maria Manuela Martins

são certamente conhecidos no círculo profissional. Mas se alguns dos intervenientes se mantiveram ativos na investigação da arte rupestre, nenhuma das mulheres que integraram este contingente são conhecidas ou reconhecidas pelo seu contributo para este tema. Tendo em conta a importância da Geração do Tejo, qual foi o contributo das mulheres deste grupo para a arte rupestre em Portugal e o que lhes reservou o futuro?

3. As mulheres da “Geração do Tejo”

A descoberta da arte rupestre do Vale do Tejo foi sem dúvida um marco decisivo no desenvolvimento da arqueologia profissional e académica em Portugal, apenas suplantada pela identificação da arte rupestre paleolítica do Vale do Côa (A. Martins, 2014:293). Conferiu aos intervenientes uma experiência prática única, a confiança de nomes relevantes no meio arqueológico nacional e internacional, bem como conhecimentos técnicos e teóricos avançados para a época, sobretudo adquiridos com outros investigadores experientes no estrangeiro (Lemos, 2011:8). Alguns membros da Geração do Tejo conseguiram financiamento para ir estudar em França com André Leroi-Gourhan, Annette Laming-Emperaire e Michel Brézillon, que conhecem numa viagem a Paris em 1972. É após estes encontros que se estabelecem as metodologias pioneiras de registo e documentação para o Vale do Tejo (Baptista, 2011a; Gomes, 2010; Lemos 2011: 9; Marques, 2011; A. Martins, 2014). Estas experiências estão também na origem do estabelecimento do pensamento estruturalista que, de certa forma, ainda se mantém em muitos estudos de arte rupestre em Portugal (não apenas por aqueles envolvidos no salvamento do Tejo). Será também relevante lembrar que este grupo de jovens trabalhava sob a alçada de Eduardo da Cunha Serrão, responsável por introduzir o método de escavação por quadrícula em Portugal segundo Mortimer Wheeler, permitindo a leitura estratigráfica de contextos arqueológicos (Baptista, 2011a:6). Portanto, um arqueólogo com visão e profundo conhecimento da arqueologia nacional e internacional. O conjunto destas circunstâncias foram decisivas para a formatação da prática e teoria arqueológica em Portugal.

Conforme referido, segundo contagem de Mário Varela Gomes, passaram pelo Vale do Tejo 47 indivíduos, 17 dos quais mulheres (2010: II-III). Muitos destes nomes acabariam associados à investigação, ensino, gestão e planeamento do território e arqueologia comercial (Marques, 2011). A maior parte destas personalidades tinha alguma relação com a Universidade de Lisboa ou o GEPP, mas outros surgem na bibliografia com um papel mais ambíguo. Na maior parte dos casos a ambiguidade refere-se a mulheres. É o caso de Helena Afonso, mencionada múltiplas vezes em textos da autoria de membros da Geração do Tejo como “a namorada de Jorge Pinho Monteiro” (e.g., Lemos, 2011). Nestes registos é por vezes difícil discernir o contributo destes elementos que, não obstante, são frequentemente mencionados.

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



O episódio de descoberta e salvamento da Arte Rupestre do Vale do Tejo teve consequências não só para a arqueologia enquanto disciplina, mas também para a forma como a arte rupestre em geral é percecionada. Enquanto em alguns países como o Reino Unido a disciplina é grosso modo marginalizada, em Portugal a relação estrita entre esta e o desenvolvimento e profissionalização da arqueologia poderá ter influenciado a seriedade com que é tratada. Esta importância foi reforçada com a descoberta da arte Paleolítica do Vale do Côa na década de 1990, cujo processo de defesa culminou com o cancelamento de uma barragem (ao contrário de Fratel), uma classificação do sítio como Património Mundial da Humanidade pela UNESCO e, mais uma vez, a reorganização da profissão que em 1998 ganhou o seu próprio organismo de tutela, o Instituto Português de Arqueologia (IPA)¹.

Com esta intensidade de acontecimentos tão formativos não é, portanto, surpreendente que alguns dos intervenientes do salvamento da Arte Rupestre do Vale do Tejo se tenham continuado a dedicar ao estudo das artes pré-históricas. De entre os membros da Geração do Tejo, António Martinho Baptista foi quem mais se destacou, nacional e internacionalmente, enquanto especialista em arte rupestre. Logo no início da década de 1980 publica um conjunto de artigos, ainda hoje recorrentemente citados, focados nas gravuras do noroeste peninsular (Baptista, 1980, 1981a, 1981b, 1983-1984, 1985, 1986). Mais tarde, enquanto diretor do Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART), este investigador dedicar-se-ia ao estudo da arte Paleolítica do Vale do Côa, sobre a qual publicou dois livros (Baptista, 1999, 2008) e alguns artigos em revistas (Baptista, 2002, 2004, 2011b). Para além de Baptista, é Mário Varela Gomes quem também se dedica de forma mais séria ao estudo da arte rupestre, defendendo a primeira tese de doutoramento sobre a Arte Rupestre do Vale do Tejo, já em 2010. Artigos esporádicos sobre o tema são também publicados por outros membros da Geração do Tejo como Vítor Oliveira Jorge (e.g., V.O. Jorge, 1994, 1996-1997, 1997) e António Carlos Silva que escreve acerca da Gruta do Escoural, que entretanto ganha muito interesse (Santos *et alii*, 1980; Gomes, 1983; A.C. Silva *et alii*, 1990; A.C. Silva, 2011b). (Figura 2)

Neste contexto, vale a pena questionar o paradeiro das mulheres arqueólogas da Geração do Tejo. Ao contrário dos colegas homens, com percursos mais ou menos bem conhecidos, nem todas seguiram carreiras visíveis ou mais mediáticas, ou até relacionadas com arqueologia. De facto, os nomes mais sonantes talvez sejam os de Susana Lopes e Manuela Martins, Professoras Catedráticas das Universidades do Porto e do Minho, associadas à investigação da Pré-história Recente e período Romano respetivamente. Por contraste, veja-se o caso dos colegas homens como Luis Raposo, diretor do Museu Nacional de Arqueologia; Francisco Sande Lemos, Vítor Serrão, Vítor Oliveira Jorge e Mário Varela Gomes, professores universitários; Rui Parreira, técnico superior

¹ Entretanto infelizmente desaparecido e, após muitas reformulações e renomenclaturas, praticamente obsoleto.



Figura 2 – Exemplo de gravura no Cachão de S. Simão no Vale do Tejo.

da Direção Regional de Cultura do Algarve; António Carlos Silva, chefia na Direção Regional de Cultura do Alentejo; Francisco Henriques e João Caninas, sócios fundadores da empresa de arqueologia EMERITA, bem estabelecida no panorama comercial português. Na vizinha Espanha, Maria Ángeles Querol tornou-se também professora (catedrática) na Universidade Complutense de Madrid na área da pré-história; Carmen Cacho e María Isabel Martínez Navarrete continuaram associadas à arqueologia, a primeira enquanto conservadora do Departamento de Pré-história do Museu Arqueológico Nacional e a segunda ligada ao Instituto de História do Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC). De resto, em Portugal, Olinda Sardenha trabalhou no Museu Nacional de Arqueologia em Lisboa e Teresa Marques embarcou no ensino secundário entre 1975 e 1982, altura em que ingressou no Departamento de Arqueologia do IPPC (mais tarde IPPAR/IGESPAR, atualmente Direção Geral do Património Cultural), dedicando-se ao inventário de património arquitetónico e arqueológico (Marques, 2011:2). Uma busca na internet pelos restantes nomes das mulheres listadas na tese de M.V. Gomes não devolve resultados conclusivos. De entre todas estas mulheres que passaram pelo Vale do Tejo na década de 1970, apenas Susana Lopes tem publicações alusivas à arte rupestre, algumas em co-autoria com V.O. Jorge.

Podemos então concluir que, embora o episódio do salvamento da Arte Rupestre do Vale do Tejo tenha sido protagonizado por uma equipa composta por homens e mulheres, e ainda que estes intervenientes afirmem que na altura não havia diferenças de tratamento com base no género ou maiores dife-

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



culdades para as mulheres², estas tiveram menor expressão na delimitação da profissão com menos acesso a cargos de decisão e por comparação as vozes das mulheres da Geração Tejo revelam-se sobremaneira mais silenciosas.

4. As Gerações pós-Tejo nos finais do século XX

Talvez porque o percurso académico das pioneiras da arqueologia portuguesa ainda não seja bem conhecido, com ressalva para algumas biografias reconstruídas por Ana C. Martins (e.g., A.C. Martins, 2016; Senna-Martinez & Martins, 2021), mas também porque algumas destas mulheres podem ter dado à estampa os seus trabalhos em publicações de difícil acesso, não é possível dizer ao certo qual terá sido a primeira arqueóloga a fazer um estudo de arte rupestre em Portugal. É provável que Vera Leisner tenha sido uma das primeiras, se não a primeira arqueóloga a publicar, enquanto primeira autora, conteúdos relacionados com o assunto. Embora o seu artigo com L. Ribeiro acerca do Dólmen do Caparito (Aguiar da Beira, Guarda) não tivesse como objetivo discutir a arte megalítica do monumento, faz referência às gravuras e apresenta esboços dos motivos (Leisner & Ribeiro, 1968). De resto, o megalitismo já tinha também atraído a atenção de Irisalva Moita (1966).

Assim, é Ana Leite e Cunha a primeira mulher em Portugal a assinar, como primeira autora, uma publicação relativa especificamente a um sítio com arte rupestre (Cunha & Silva, 1980). Este trabalho resulta de uma colaboração com Eduardo Jorge Lopes da Silva nos finais da década de 1970 com o objetivo de inventariação de sítios rupestres no Minho, que culmina com outros artigos acerca dos importantes sítios do Monte da Laje, Tapada do Ozão e Monte dos Fortes em Valença (Viana do Castelo) (Cunha & Silva, 1980; Silva & Cunha, 1986). Estas publicações mantiveram-se como as principais referências bibliográficas destes sítios até à publicação, em 2017, de artigos resultantes do projeto de investigação “Gravuras rupestres da Serra do Extremo no contexto da Arte Atlântica do Alto Minho” (2013–2015) liderado por Lara Baccalar Alves e Mário Reis (Alves & Reis, 2017a, 2017b). (**Figura 3**)

Na década de 1980 A.M. Baptista é sem dúvida um dos autores mais prolíficos, publicando uma série de artigos sobre a arte rupestre do noroeste, com particular incidência nas gravuras esquemáticas do Gião (Arcos de Valdevez) (Baptista, 1980, 1981a, 1981b), na Bouça do Colado (Parada, Lindoso) (Baptista, 1981b) mas também outros sítios importantes como o Vale da Casa na margem esquerda do Douro (Baptista, 1983, 1983-84).

Nos finais dos anos de 1980 surgem novos intervenientes e Maria de Jesus Sanches descobre o Regato das Bouças na Serra de Passos (Mirandela) (1988),

² Por exemplo, comentário de Manuela Martins em discussão durante o Seminário “Vale do Tejo e arte rupestre, 50 anos depois” organizado pelo CIART e a Câmara Municipal de Vila Velha de Rodão, decorrido de 24-26 Maio de 2024.



Figura 3 – Lara Bacelar Alves e Andy Valdez-Tullett no sítio de arte rupestre de Monte dos Fortes em Valença (Viana do Castelo).

desde então dedicando-se em parte à investigação da arte rupestre em abrigos, de ar livre e arte megalítica. Torna-se na primeira mulher cujo nome é, ainda hoje, uma referência académica na área, publicando consistentemente, embora com abordagens regionais que incidem sobretudo em sítios de Trás-os-Montes e Planalto Mirandês. Para além do Regato das Bouças, Sanches trabalhou extensivamente no abrigo pré-histórico do Buraco da Pala (Mirandela) (Sanches e Lebre, 1986; Sanches, 1987, 2006) e publicou uma série de artigos monográficos sobre outros sítios de arte esquemática (1985-1986, 1990, 1992), arte megalítica (Sanches, 1994, 2008- 2009), tecendo ainda algumas

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



considerações sobre estelas (Sanches & Jorge, 1987; Sanches 2011). Enquanto professora na Universidade do Porto, Sanches tem tido um papel importante no impulsionamento de estudos académicos que se debruçam sobre temas relacionados com arte rupestre ainda que muitas vezes de cariz monográfico e incidindo sobre sítios individuais.

Os trabalhos de Baptista e Sanches constituem o que de mais sistemático se fez nos anos de 1980 em relação ao estudo da arte rupestre. Outras publicações têm um carácter mais pontual e de forma geral limitam-se a dar nota da existência de sítios gravados ou pintados, uma tendência que se mantém até meados dos anos de 1990. Não obstante, maior ênfase é dado à arte megalítica, que disfruta da possibilidade de escavação e aplicação de métodos de datação direta aos contextos decorados, que faltam na arte de ar livre, providenciando assim um melhor enquadramento das práticas artísticas pré-históricas (e.g., Cunha, 1993, 1995; Cruz & Vilaça, 1994). Em 1981, a investigadora irlandesa Elizabeth Shee Twohig publica a sua obra seminal “The Megalithic Art of Western Europe”, dotada de um extenso catálogo ilustrado de monumentos que incluem Portugal. Um volume que ainda não foi suplantado e continua a ser recorrentemente consultado e citado, referência para qualquer estudioso de arte megalítica na Europa ocidental. É também em 1981 que se dá à estampa, pela mão de Susana Lopes (assinados como Susana O. Jorge) como primeira autora, a publicação de um artigo acerca das gravuras rupestres de Mazouco (Freixo de Espada à Cinta) compostas por três equídeos datados do Paleolítico (S.O. Jorge, *et. alii* 1981), que anunciariam a “Revolução do Côa”, expressão cunhada por Andrea Martins (2017:970), que se deu uma década mais tarde.

Os anos de 1990 seguem um padrão semelhante de descoberta e publicação preliminar de sítios de arte rupestre, onde se identificam e descrevem os achados, mas pouco se procede a contextualização e interpretação. É o caso do abrigo de Fraga d’Aia (Paredes da Beira, S. João da Pesqueira) identificado em 1987 e que chegou a ser escavado (V.O. Jorge, *et alii.*, 1988). Nesta década destaca-se também o envolvimento de Mila Simões de Abreu em estudos de arte rupestre e o projeto “Gravado no Tempo” (1991-1993), que procura fazer um “inventário total da arte rupestre” no país (Abreu & Jaffe, 1995). Abreu conduz uma carreira maioritariamente internacional, trabalhando com Anati em Valcamonica (Itália). Um renovado interesse por arte rupestre no sul do país leva à publicação de algumas notícias acerca de abrigos pintados, menires e outros monólitos decorados (Bueno-Ramírez e Balbín-Behrmann, 1995, 1996; Gonçalves, Balbín-Behrmann e Bueno-Ramírez, 1997; Peixoto, 1997; Oliveira & Borges, 1998).

A descoberta do Vale do Côa por Nélson Rebanda em 1991 e o que daí decorreu, ofuscou de certa forma o restante panorama da arte rupestre em Portugal nos anos que se seguiram. O achado, publicitado em 1994, resultou no bem conhecido “processo Côa” que dividiu opiniões, opôs apoiantes das gravuras e apoiantes da barragem, envolvendo arqueólogos, especialistas vários e membros do público. A arte rupestre do Vale do Côa beneficiou de um mediatismo

que faltou ao Vale do Tejo, fruto de tempos diferentes, acessibilidade a meios de comunicação e difusão e ao próprio estado político da nação, já livre do seu regima autoritário. O Côa atraiu a atenção de todos os profissionais nacionais e internacionais, muitos dos quais se deslocaram ao vale. Afinal de contas, a dimensão e importância desta descoberta de arte paleolítica de ar livre não tinha (e continua sem ter) paralelos. Em 1996 o governo decreta a suspensão da barragem, uma decisão inédita que até aos dias de hoje não se tornou a repetir, muito embora se tenham encontrado muitos exemplos de arte rupestre nas margens de outros rios, por ocasião de estudos de impacte ambiental para empreendimentos hidroelétricos (e.g., Baptista & Santos, 2013; Figueiredo *et alii*, 2015). Ainda em 1995 uma comissão de peritos da UNESCO visitou o Vale do Côa, cuja importância foi imediatamente reconhecida, naquele que terá sido o processo mais rápido de classificação de um sítio arqueológico como património da humanidade, oficialmente decretado em 1998 (Baptista, 2009).

A “Revolução do Côa” teve um impacto profundo na reorganização da profissão com a criação do Instituto Português de Arqueologia (IPA), o Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC) e o Centro Nacional de Arte Rupestre (CNART) em 1996 e 1997, respetivamente. Reacendeu o interesse pela arte rupestre em Portugal e nos anos de 1990 verifica-se a publicação de um sem número de artigos relativos à descoberta e às gravuras, bem como ao processo de defesa e salvaguarda do Côa, incluindo o relatório científico que foi entregue ao governo da República Portuguesa (coord. Zilhão, 1997), e o Dossier Côa publicado como volume das atas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular (coord. V.O. Jorge, 1995). Este volume de atas está dividido em diferentes partes, duas das quais dedicadas a textos e intervenções relacionadas com o Processo Côa. Note-se que a secção “Textos de Fundo” é composta por 12 contributos e apenas quatro referem o nome de mulheres. De entre estes, apenas dois têm mulheres como primeiras autoras. Já na secção “Textos de intervenção e esclarecimento de diversos autores”, de entre 52 textos, apenas três são da autoria de mulheres. Serão estes números tão díspares representativos dos intervenientes deste processo?

São muitos os nomes associados à luta pelo Côa e às seguintes décadas de existência do CNART e do PAVC. Alguns dos quais ser-nos-ão já familiares, por terem estado também ligados ao salvamento da Arte do Vale do Tejo. Desde logo, em 1989 Francisco Sande Lemos conduz prospeção arqueológica na área que, embora não tenha sido sistemática, foi exaustiva e identificou alguns dos sítios com pinturas Neolíticas na Faia para além de outras gravuras modernas (Lemos, 1994; Baptista, 1999). Percebendo o potencial da região, Lemos propõe que se façam mais trabalhos de prospeção e o acompanhamento arqueológico de obras da barragem (Baptista, 2009). Finalmente, em 1991 Nelson Rebanda e a sua equipa identificam as primeiras gravuras paleolíticas na Canada do Inferno (Rebanda, 1995). Seguiram-se descobertas de muitos novos sítios, mas que são apenas anunciados em 1994. No seguimento destes achados Rebanda pede então opinião aos “três únicos especialistas portuque-

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



ses em arte rupestre’ que ele consideraria”, neste caso, A.M. Baptista, M.V. Gomes e Mila Simões de Abreu (Baptista & Varela, 1995: 353). Em 1994, Mário Varela Gomes é nomeado para encabeçar uma equipa encarregue de fazer o inventário e estudo da arte rupestre do Côa, assistido por Fernando Barbosa, João Félix, Manuel Almeida e Cristina Gaspar. Os trabalhos de campo iniciam em Abril de 1995 (Baptista, 2009).

A estes nomes juntam-se entretanto muitos outros sendo João Zilhão talvez um dos mais proeminentes. Este investigador esteve envolvido em vários trabalhos desde prospeções a escavações no Côa, contribuindo para a importante contextualização arqueológica e cronológica da arte rupestre, e coordenou a publicação do relatório científico entregue ao Governo Português (Zilhão et alii, 1995; Zilhão, 1997). Embora a desconstrução de algumas ideias erróneas relativamente à datação das gravuras, sobretudo avançadas por Bednarik que as considera modernas (e.g., 1995a, 1995b), tenha provavelmente sido um esforço intelectual de conjunto (por exemplo, Susana Lopes fala sobre isto numa conferência em Turim, ver S.O. Jorge 1995), Zilhão é quem mais publica sobre o assunto durante e após a polémica (1995, 2003, 2004). Mais tarde foi nomeado pelo governo para formar o IPA, de que foi diretor entre 1997 e 2002.

Já muito foi escrito sobre a história do processo e da “Revolução do Côa” pelo que o assunto não será mais alongado aqui (e.g., Abreu, 1995; S.O. Jorge 1995; V.O.J., 1995; Jorge & Jorge, 1995; Gomes, 2002; Baptista, 2009:43-67; A. Martins, 2017; A.T. Santos, 2017:60-83; Arnaud & Martins, 2021; Luís, 2018, 2023: 183-85). O que este artigo pretende fazer é refletir sobre a presença e o contributo de mulheres arqueólogas para a historiografia da arte rupestre em Portugal. Assim, começemos com o caso de Mila Simões de Abreu que embora tenha sido chamada por Rebanda numa fase inicial do Processo Côa para avaliar a autenticidade das gravuras com A.M. Baptista e M.V. Gomes e ter tido um papel fundamental da mediação e internacionalização da situação, nunca ocupou nenhum lugar de decisão, ao contrário de Baptista, por exemplo, que foi diretor do CNART e depois do PAVC, ou Zilhão, diretor do IPA. Abreu será mesmo marginalizada no restante panorama da arqueologia e arte rupestre portuguesa, com A.T. Santos chegando a referir-se ao seu trabalho com Bednarik (Abreu & Bednarik, 2000) como fazendo parte de “alguns ambientes marginais da ciência” (Santos, 2017:72), o que sugere que os seus contributos não devem ser levados a sério. Esta autora está também obviamente ausente das listas bibliográficas de grande parte das publicações de referência relacionadas com o Côa, como por exemplo o volume “O Paradigma Perdido. O Vale do Côa e a Arte Paleolítica em Portugal” de A.M. Baptista (2009), sendo apenas parcialmente citada na tese de doutoramento de A.T. Santos (2017). Esta situação talvez se prenda com a posição de Mila Simões de Abreu, aberta nas suas opiniões acerca do Côa, do processo e do trabalho que por lá se fez, mas sobretudo devido à aliança com Bednarik. Os dois assinam um artigo no qual afirmam que as gravuras do Fariseu não têm 20,000 anos, descartando os trabalhos arqueológicos e de escavação conduzidos neste sítio

(Abreu e Bednarik, 2000), o que provavelmente levantou animosidades numa altura em que a restante classe arqueológica portuguesa lutava por demonstrar a antiguidade dos sítios e preservar a arte rupestre do Côa. Incrivelmente, e apesar de todo o trabalho que tem sido conduzido no Côa ao longo dos anos, Bednarik defende ainda esta postura (Bednarik 2016, 37-44).

Para além de Mila Simões de Abreu e Cristina Gaspar, mencionada no relatório científico de 1997, outras mulheres estiveram também envolvidas na discussão e processo Côa. Por exemplo, Alexandra Cerveira Lima, que apresentou uma proposta para a implementação e gestão do PAVC em 1995 (Pinto *et alii*, 1995), esteve ligada à criação deste sítio desde cedo e foi sua dirigente entre 2004 e 2010, altura em que surge a Fundação – Côa Parque, que altera profundamente as dinâmicas estabelecidas até então. Não obstante, talvez mais do que no Vale do Tejo, a história do Côa no feminino continua substancialmente silenciosa, conforme nos diz a bibliografia existente (ou falta dela), com as devidas exceções (e.g., Abreu, 1995; Abreu & Jaffe, 1995; S.O. Jorge, 1995; Pinto *et alii*, 1995). Conversas com alguns intervenientes, que preferem não ser identificados, revelam outras personalidades envolvidas mas que, de forma geral, são raramente ou nunca mencionadas como sejam Ana Leite e Cunha, Cidália Duarte, Ana Cristina Araújo ou Teresa Silva.

O Processo Côa é também conhecido pela ação da sociedade geral em defesa da arte rupestre que, entre outros, envolveu estudantes universitários e de ensino secundário local que faziam ouvir a palavra de ordem “as gravuras não sabem nadar” (Luís, 2018). Foi a primeira vez que se verificou a intervenção da sociedade civil diretamente sobre o património, e estas iniciativas tiveram um papel importante na preservação das gravuras. Alguns destes jovens seguiram os seus estudos em arqueologia, vindo a praticar arqueologia enquanto profissionais. Entre eles contam-se por exemplo Lara Bacelar Alves que foi a primeira pessoa a obter o grau de doutoramento em arte rupestre em Portugal (Alves, 2003). Carla Magalhães e Dalila Correia tornaram-se guias/intérpretes no PAVC desde os seus primórdios (1996), mais tarde completando licenciaturas e mestrados em arqueologia, colaborando com projetos de investigação, publicações (e.g., Correia *et. alii* 2018) e desempenhando papéis fundamentais na divulgação deste património.

O virar do milénio traz outra barragem e a necessidade de identificar e registar a arte rupestre, desta feita, do Guadiana. Mais uma vez os nomes associados a este projecto repetem-se (e.g., A.C. Silva, 2001), mas agora envolvendo algumas personalidades que iniciaram os seus percursos no Côa (e.g., Alves, 2013). Embora já fossem conhecidas rochas gravadas neste vale, é só depois do arqueólogo da região espanhola da Extremadura notificar acerca da descoberta de importantes sítios rupestres perto de Cheles, incluindo gravuras filiformes paleolíticas, que em Portugal se dá início à identificação e registo sistemático da arte rupestre nesta região, sob coordenação de A.M. Baptista, então diretor do CNART (A.C. Silva, 2001:85; A. Martins, 2017:971) – não fosse a construção de outra barragem ser suspensa por causa de gravuras rupestres!

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



5. As gerações do novo milénio: os anos 2000

O novo milénio conta uma história diferente, onde várias investigadoras portuguesas se destacam pelos seus percursos no estudo da arte rupestre nacional e internacional. As novas abordagens teóricas e metodológicas empregues por estas arqueólogas, quer a título individual quer em colaborações, trouxe mais profundidade interpretativa e contextual às diferentes tradições de arte rupestre pré-histórica ibérica, finalmente ultrapassando a tendência meramente descritiva e tipológica de que a investigação padecia.

É certo que estas novas gerações beneficiaram dos vários momentos marcantes na historiografia da arte rupestre portuguesa aqui mencionados, e também da influência e orientação de várias personalidades neles envolvidas. Neste novo milénio a situação da arqueologia enquanto disciplina e o seu âmbito profissional tem também contornos bastante diferentes, bem estabelecidos e legislados, que a tornam necessária aos projetos de desenvolvimento. Por este motivo, a classe arqueológica está em expansão, conforme demonstram os dados recolhidos por Bugalhão. Há ainda maior paridade entre mulheres e homens, sendo que entre 2005 e 2014 o número de arqueólogas chega mesmo a ultrapassar o número de arqueólogos (Bugalhão, 2013, 2017, 2024). (**Figura 1**) Convém contudo notar que estes dados são apenas relativos a direções científicas, pelo que não refletem o número real de profissionais em arqueologia.

A arqueologia pós-salvamento do Tejo e pós-Revolução do Côa tem, portanto, um particular interesse por arte rupestre. No novo milénio há cursos universitários em arqueologia de norte a sul do país, alguns com disciplinas dedicadas à arte rupestre, e inclusive protocolos com o CNART – um centro de investigação dedicado à arte rupestre – para desenvolvimento de trabalho de campo no Vale do Côa. Foi ao abrigo de um destes protocolos que, afortunadamente, me foi possível realizar dois estágios de campo com o CNART que incluíram prospeção, limpeza, levantamento, processamento de dados e digitalização, assim como redação de relatórios. Acima de tudo, deu-me a oportunidade de aprender e absorver as experiências e os conhecimentos – que são muitos – que várias personalidades da arte rupestre portuguesa adquiriram e quiseram e puderam partilhar comigo e colegas. No meu último ano de licenciatura (2004), uma conjugação de sinergias resultou num trabalho de final de curso acerca da arte rupestre da Citânia de Briteiros que envolveu prospeção e re-identificação de uma série de rochas gravadas mencionadas por Francisco Martins Sarmiento, mas das quais não se sabia o paradeiro, bem como o levantamento do Penedo dos Sinais (**Figura 4**). Este trabalho foi orientado por Francisco Sande Lemos, com colaboração dos membros do CNART e publicado na Revista de Guimarães (Valdez & Oliveira, 2005/2006). Estavam lançadas as sementes do que viria a ser a minha especialização e futura carreira profissional. Como eu, as novas gerações beneficiaram, sem dúvida, do interesse e da paixão dos seus professores e mentores, muitos deles parte da Geração do Tejo e Revolução do Côa.



Figura 4 – O Penedo dos Sinais, nas imediações da Citânia de Briteiros (Guimarães).

Não obstante o impulso dado por estes nomes mais seniores da arte rupestre, foi Lara Bacelar Alves que mais inspirou o meu trabalho. Conforme mencionado anteriormente, Alves foi a primeira investigadora portuguesa a completar um doutoramento sobre arte rupestre em Portugal (e na Galiza) em 2003, grau que adquiriu na Universidade de Reading (Reino Unido). Este trabalho é orientado por Richard Bradley que teve um papel importante na aplicação da Arqueologia da Paisagem na investigação não só da Arte Atlântica mas da arte rupestre em geral (e.g., 1997). Alves é pioneira na aplicação desta perspectiva em Portugal, ao abrigo da qual desenvolve um estudo dialético contrapondo Arte Atlântica, Arte Esquemática e Arte Megalítica, oferecendo uma nova e arrojada leitura cronológica e perspetiva social das gravuras (Alves, 2003). Procede a uma, muito necessária, reflexão crítica dos modelos interpretativos vigentes, incluindo aqueles estabelecidos por Baptista (1983-84), recorrentemente utilizados de forma acrítica numa série de estudos, identificando novas perspetivas e problemáticas (Alves, 2009). O trabalho de Alves terá sido a primeira lufada de ar fresco no estudo da arte rupestre em Portugal, muito embora com poucas repercussões por sair da norma implementada e sugerir diferença, num sistema pouco habituado à mudança. Nos anos seguintes Lara B. Alves ainda lecionou no curso de Arqueologia da Universidade do Minho, e mais tarde nas Universidades de Lisboa e Coimbra. Mais recentemente, o seu project LandCRAFT (2020 – 2024), financiado pela FCT e ao qual volta-

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



rei mais tarde, produziu resultados surpreendentes que transformam a forma como pensamos o Vale do Côa (e.g. *Alves et alli*, 2023; *Cardoso et alii*, 2023).

Depois de Lara B. Alvez, os próximos doutoramentos em arte rupestre em Portugal só se verificam na década seguinte com Fernando Coimbra e M.V. Gomes que apresentam as suas teses em 2010. Se até aqui a investigação sistemática em arte rupestre demorou algum tempo a estabelecer-se, os anos seguintes vêem um impulsionamento significativo no estudo de gravuras e pinturas rupestres por autores portugueses, sendo defendidas nove teses de doutoramento entre 2012 e 2017 (**Tabela 1**), bem como uma série de dissertações

Ano de Defesa	Nome	Título / Instituição
2003	Lara Bacelar Alves	The movement of signs. Post-glacial rock art in North-Western Iberia (University of Reading, Reino Unido)
2010	Fernando Coimbra	A suástica em Portugal e na Galiza desde a Idade do Bronze ao fim do Período Romano: problemática da origem e da interpretação (Universidade de Salamanca, Espanha)
2010	Mário Varela Gomes	Arte rupestre do Vale do Tejo. Um ciclo artístico-cultural pré e proto-histórico (Universidade Nova de Lisboa)
2012	António Pedro Batarda	Natural processes in the degradation of open-air rock-art sites: an urgency intervention scale to inform conservation (Bournemouth University, Reino Unido)
2012	Mila Simões de Abreu	Rock-Art in Portugal, History, Methodology and Traditions (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)
2014	Andrea Martins	A Pintura Rupestre do Centro de Portugal. Antropização simbólica da paisagem pelas primeiras sociedades agro-pastoris (Universidade de Lisboa)
2014	Sofia Figueiredo-Persson	A arte esquemática do Nordeste Transmontano: contextos e linguagens (Universidade do Minho)
2014	Nuno M. C. Ribeiro	Manifestações de Arte Rupestre nas bacias hidrográficas dos rios Ceira, Alva e áreas de fronteira com as bacias hidrográficas dos rios Zêzere e rio Unhais (Universidade de Salamanca, Espanha)
2015	Daniela Cardoso	A Arte Atlântica do Monte de S. Romão (Guimarães) no Contexto da Arte Rupestre Pós-paleolítica da Bacia do Ave - Noroeste Português (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)
2017	André Tomás Santos	A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: Uma visão de conjunto (Universidade do Porto)
2017	Joana Valdez-Tullett	Design and Connectivity: the case of Atlantic Rock Art (University of Southampton, Reino Unido)
2017	Sara Garcês	Cervídeos: Símbolos e Sociedade nos primórdios da agricultura no Vale do Tejo (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro)

Tabela 1 - Lista das teses de doutoramento defendidas entre 2000 e 2020 que incidem sobre temas relacionados com arte rupestre.

de mestrado que se prolongam pela década de 2020. Muitos destes trabalhos foram realizados ao abrigo do programa Mestrado Erasmus Mundus em Arqueologia Pré-Histórica e Arte Rupestre promovido pelo Instituto Politécnico de Tomar e a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro com Luis Oosterbeek e Mila Simões Abreu (e.g., Rosa, 2012; Ribeiro, 2020), mas também com Maria de Jesus Sanches na Universidade do Porto (e.g., Lima, 2013; N. Gomes, 2014) e Ana M. Bettencourt na Universidade do Minho (e.g., A.F. Santos, 2014; Sá, 2015; Moreira 2018). Em anos recentes Ana Bettencourt tem-se dedicado mais seriamente ao estudo da arte rupestre, com várias publicações sobre o assunto e encabeçando importantes projetos como o ENARDAS e o Corpo Virtual de Arte Rupestre do Noroeste (CVARN) (Bettencourt *et alii*, 2017).

Ainda em meio académico, destacam-se os trabalhos de Sofia Figueiredo-Persson e Andrea Martins, cujas teses de doutoramento se debruçam sobre a tradição de Arte Esquemática Pintada no noroeste e centro de Portugal, respetivamente. Embora os seus interesses de investigação confluíssem, Figueiredo-Persson apresentou a sua tese à Universidade do Minho (2014) e A. Martins à Universidade do Algarve (2014), instituições em regiões diametralmente opostas do país. Estas teses incluem catálogos extensos de sítios arqueológicos com pintura esquemática das regiões a que se dedicam, enriquecidos com detalhes nunca antes vistos dos motivos realçados com recurso a novas técnicas digitais, menos subjectivas, como o D-Stretch e outros métodos de visualização computacional. A aplicação destas técnicas, em conjugação com outros métodos fotográficos e analíticos, permitiram ultrapassar algumas limitações inerentes aos registos anteriores das pinturas, como sejam a própria deterioração dos pigmentos que os torna muitas vezes quase invisíveis. Os novos métodos permitiram identificar detalhes nos motivos que até aqui se mantinham ocultos, conduzindo a novas interpretações e colocando os sítios arqueológicos em contextos culturais e cronológicos mais específicos (Figueiredo, 2014; A. Martins, 2014; Valdez-Tullett & Figueiredo-Persson, 2023:22).

Para além da aplicação de novas técnicas digitais de registo estes projetos introduziram outras inovações como o estudo quantitativo de dados então capturados de forma mais objectiva. Figueiredo-Persson desenvolve o primeiro estudo estatístico aplicado à Arte Esquemática do noroeste português e a sua análise de Coeficientes Relativos, aliada a uma perspetiva mais ampla e que abandona decisivamente as abordagens micro-contextuais dos sítios pintados, permitiu a distinção entre dois grupos artísticos diferentes pertencentes a contextos sociais do Neolítico e Calcolítico (Figueiredo, 2014).

Já Andrea Martins sublinha a importância das abordagens contextuais da arte rupestre, consolidando a informação existente para casos de estudo, alguns dos quais bem conhecidos, como o Abrigo da Lapa dos Gaivões em Aronches, incluindo dados que nunca chegaram a ser publicados integralmente e se encontravam dispersos. Inova na aplicação de técnicas fotográficas para o realce das pinturas, o que lhe permite desenvolver um catálogo extenso e uma análise minuciosa dos motivos pintados. O seu método de registo das pinturas

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



revela a parcialidade de estudos anteriores, que valorizam apenas os motivos mais bem conservados. Martins procede também ao estudo dos pigmentos através da aplicação de Energy Dispersive X-Ray Fluorescence (EDXRF) e Espectrometria Raman, recreando modos de fazer. Para além do estudo dialético da arte esquemática, Martins faz ainda uma abordagem comparativa entre exemplares pintados em abrigos com suportes móveis decorados, arte megalítica entre outros paralelos iconográficos, criando assim um entendimento detalhado das pinturas, dos seus contextos imediatos e regionais. Com um leque de informação vasto e minucioso, Andrea Martins oferece uma interpretação da Pintura Esquemática enredada na narrativa social e contextual das comunidades do IV^o e III^o milénios a.C. (A. Martins, 2014). **(Figura 5)**

Embora ambas as teses de doutoramento tenham sido galardoadas com prémios Eduardo da Cunha Serrão, conforme diz Andrea Martins na introdução do seu trabalho, estas não são obras máximas ou finais, mas antes pontos de partida. Efetivamente, tanto Martins como Figueiredo-Persson prosseguem com os seus percursos de investigação, desenvolvendo projetos colaborativos e individuais de importância em Portugal e no estrangeiro. Enquanto aluna de doutoramento, Figueiredo-Persson coordenou a prospeção, documentação e estudo da arte rupestre do Vale do Sabor no âmbito da Empre-



Figura 5 – Pormenor de pintura esquemática no Abrigo da Lapa dos Gaivões (Arronches).

tada Geral de Construção do Aproveitamento Hidroelétrico do Baixo Sabor (AHBS) (2009 – 2015), orientando diretamente uma extensa equipa de arqueólogos que estudaram 234 afloramentos gravados e/ou pintados, 753 blocos decorados inseridos em património edificado e cerca de 2100 placas de arte móvel gravadas, datadas de entre o Paleolítico e a Idade Média, encontradas em escavações arqueológicas nos sítios do Castelinho e Quinta de Crestelos (Figueiredo-Persson *et alii*, 2022). Foi no Sabor que se implementou, pela primeira vez, um protocolo sistemático de identificação, documentação e estudo da arte rupestre, ausente em projetos anteriores como o do Alqueva (A.C. Silva, 2002: 60-61; Figueiredo-Persson *et alii*, 2020:19). A forma como os dados foram recolhidos e preservados permitiu também que se desenvolvessem projetos de investigação posteriores de carácter individual. A título de exemplo refira-se a dissertação de mestrado de Andreia Silva, apresentada à Universidade do Minho e orientada por Sofia Figueiredo-Persson, acerca das representações antropomórficas na arte móvel da Idade do Ferro do Vale do Sabor, que recebeu Menção Especial do Prémio Eduardo da Cunha Serrão para a categoria em 2021/2022 (A. Silva, 2020). Posteriormente, Figueiredo-Persson trabalha em vários projetos pós-doutorais financiados sobre a arte rupestre de norte a sul do país e chega a ser Coordenadora Técnica e Científica do Museu do Côa e PAVC (2019-2020). Para além do excelente trabalho de Mário Reis ao longo dos últimos 20 anos e do seu interesse pela arte da Idade do Ferro (e.g., Reis, 2014, 2021), é também esta investigadora que impulsiona o registo e documentação sistemática das gravuras deste período no Vale do Côa, que se mantiveram sempre à sombra da arte paleolítica, com o projeto RARAA – Repositório de Arte Rupestre de Acesso Aberto, financiado pela FCT, e que tem como objetivo a disponibilização dos dados recolhidos em acesso aberto. Embora tenha estado na génese do RARAA, infelizmente Figueiredo-Persson não termina este projeto, que ficou a cargo de outrem.

Já a carreira de Andrea Martins foi não só pautada pelo seu envolvimento em projetos de arte rupestre de norte a sul do país, mas também pela sua dedicação a outros temas de natureza vária que evidenciam os seus amplos interesses e extenso conhecimento acerca da arqueologia portuguesa, nas suas diversas facetas. Martins publica extensivamente sobre todos os seus trabalhos, incluindo aqueles de teor comercial. De facto, a produção científica desta investigadora é extraordinária, coadunando-se com o seu princípio e entusiasmo pela difusão e partilha de conhecimento. Uma diligência também demonstrada no seu papel enquanto editora das atas dos congressos da Associação dos Arqueólogos Portugueses (AAP) que coorganizou desde a primeira edição em 2013, fazendo parte da Comissão Executiva dos eventos. As suas publicações sobre arte rupestre que incluem abrigos com Arte Esquemática distribuídos um pouco por todo o país (A. Martins, 2014), rochas de ar livre com Arte Atlântica no norte (A. Martins, 2006), gravuras rupestres na Serra da Estrela (Martins *et alii*, 2013), pintura do Vale do Côa (Alves *et alii*, 2023) entre outros exemplos, demonstram o seu conhecimento profundo sobre o

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



tema e a sua versatilidade científica. Esta característica é ainda reconhecível na capacidade em dirigir projetos a título individual como “Do Imóvel ao móvel: a iconografia simbólica das primeiras sociedades camponesas”, (2016-2022), e em colaborações várias que incluem escavações em Tobiotsuka Kofun no Japão, inseridas no “BeArchaeo Project” (Diniz *et alii*, 2019). Andrea Martins foi uma das coordenadoras científicas do projeto “Vila Nova de São Pedro, de novo no 3º milénio – VN3000” a decorrer desde 2017, que inclui campanhas de escavação anuais e que tem como objetivo a valorização científica, patrimonial e social de um povoado fortificado pré-histórico de referência no panorama nacional. Para além da abordagem científica multidisciplinar que tem dinamizado a investigação da região e vários aspetos desde o povoamento (A. Martins & Neves, 2021) à representação de cervídeos na cultura material do IIIº milénio (A. Martins, 2020), este projeto tem uma importante componente de Arqueologia Pública, uma área ainda em estado embrionário em Portugal. Neste âmbito, Martins esteve envolvida em várias ações de disseminação de conhecimento direcionadas para o público em geral, para além de outras atividades como a “Festa da Arqueologia” (Arnaud *et alii*, 2023; Quirino *et alii*, 2023). Por fim, para o contexto deste artigo, será relevante mencionar que Andrea Martins foi a primeira investigadora portuguesa a publicar um texto sobre a Arte Esquemática a partir de uma perspetiva da Arqueologia de Género (2021), tema sobre o qual tinha especial interesse.

Mais recentemente, Andrea Martins integrou a equipa do project Land-CRAFT – the socio-cultural context of Late Prehistoric rock art in the Côa Valley (2020-2024), dirigido por Lara Bacelar Alves e financiado pela FCT. Este projeto juntou uma equipa multidisciplinar de especialistas nacionais e internacionais com extensa experiência incluindo Susana Lopes, Beatriz Comendador-Rey, João Muralha, Mário Reis e Hannah Sackett, entre outros colaboradores. Estabeleciam-se então as fundações para o que veio a ser um novo e necessário olhar sobre o Vale do Côa. O projeto teve como principais objetivos criar um *corpus* da arte rupestre na Pré-História Recente do Vale do Côa quanto às suas formas gravada e pintada; utilizar novas técnicas digitais de registo para a documentação e visualização da arte rupestre, incluindo modelação tridimensional e realce digital de matéria corante; análise físico-química de pigmentos; escavação arqueológica de abrigos ou outros sítios com vestígios de ocupação entre o Neolítico e a Idade do Bronze; e estudos paleoambientais (Cardoso *et alii*, 2023). Esta perspetiva multidisciplinar introduziu muitas novidades no conhecimento da região, obrigando a reescrever a história da Pré-História Recente do Vale do Côa (e.g., Alves *et alii*, 2023).

Sete anos volvidos sobre as defesas de tese de Martins e Figueiredo-Persson, em 2017 Sara Garcês defende a sua tese de doutoramento focada na Arte Rupestre do Vale do Tejo que, apesar de tudo, continua apenas parcialmente estudada dada a sua extensão e o seu potencial. A base do seu estudo foram os seus registos das gravuras, que efetuou através de decalque direto sobre os moldes de silicone e latex recolhidos durante o salvamento da arte rupestre

na década de 1970 (Garcês, 2017). A investigadora demonstrou efetivamente coragem ao abordar este sítio arqueológico paradigmático e associado à Geração do Tejo, da qual obviamente não faz parte. Apesar de ter enfrentado alguma resistência, Garcês também beneficiou do apoio de alguns arqueólogos mais seniores que se demonstraram disponíveis para acolher e incentivar novas gerações. Neste caso em particular, A.M. Baptista, que já tinha aberto as portas do CNART a estágios de campo no Côa por parte de alunos de licenciatura, disponibilizou o acesso necessário aos moldes de silicone e látex. O percurso de Sara Garcês tem também sido dinâmico e ativo na colaboração com uma série de projetos nacionais e internacionais dedicados a diferentes aspetos da arte rupestre, desde o turismo (e.g., M. Martins *et alii*, 2024) e conservação (Lattao *et alii*, 2024) à análise de pigmentos (Rosina *et alii*, 2023) e, mais recentemente, à aplicação da Inteligência Artificial (IA) na criação de uma base-de-dados internacional de arte rupestre, acessível a todos³.

O acesso aberto tem sido uma preocupação das novas gerações, por um lado certamente influenciadas por parâmetros internacionais impostos pelos diferentes fundos de financiamento que a isso obrigam, mas por outro pela necessidade de democratização da ciência e do conhecimento. Há vários motivos por que tornar o conhecimento acessível quer à comunidade científica, quer à comunidade civil. É o caso de Scotland's Rock Art Project (2017 – 2021) com o qual eu estive envolvida enquanto investigadora. Este projeto foi financiado pela entidade pública Arts and Humanities Research Council (AHRC) do Reino Unido e teve como objetivo trabalhar com comunidades locais para promover o registo, estudo e a salvaguarda da arte rupestre nacional. Resultou no treino de mais de 100 voluntários distribuídos por várias regiões do país da Escócia, que documentaram mais de 1000 rochas gravadas através de um sistema de registo que incluiu a criação de modelos tridimensionais para cada sítio, sendo que todos os dados adquiridos se encontram disponíveis numa base-de-dados online (Barnett *et alii*, 2021; 2022). (Figura 6)

Para além do trabalho comunitário e de valor social desenvolvido neste projeto, a investigação científica seguiu uma metodologia interdisciplinar aplicando técnicas computacionais e estatísticas. Esta metodologia baseou-se na que fora elaborada para a minha tese de doutoramento, apresentada em 2017 à Universidade de Southampton no Reino Unido (Valdez-Tullett, 2017). Este trabalho debruçou-se sobre a tradição da Arte Rupestre Atlântica, desenvolvendo uma análise inter-regional e comparativa entre as várias partes da Europa ocidental onde os motivos circulares que lhe são característicos se podem encontrar. A abordagem interdisciplinar a várias escalas, desde o motivo individual à paisagem, foi pioneira na utilização de métodos de análise da Ciência de Redes (Network Science) para estudar a conectividade pré-histórica através da arte rupestre Neolítica. A documentação de mais de 200 rochas gravadas em cinco países diferentes através de fotogrametria e Reflectance

³ Comentário pessoal de Sara Garcês.





Figura 6 – Documentação de arte rupestre com equipas de voluntários em Kirkcudbright (Escócia), no decorrer do projeto Scotland's Rock Art Project.

Transformation Imaging (RTI), permitiu a captura de detalhes iconográficos, de execução, entre outros, que até aí ainda não tinham sido identificados e que foram fundamentais para os resultados obtidos. Esta tese demonstrou que a distribuição da Arte Atlântica resultou de contactos regulares e mecanismos de transmissão cultural entre regiões bastante longínquas entre si (Valdez-Tullett, 2017). O estudo cabe assim nas correntes mais atuais de investigação europeia, que incidem sobre mobilidade e o movimento de pessoas, bens, animais, culturas e ideias na pré-história. (**Figura 7**)

A expansão da aplicação de métodos computacionais de registo e processamento de dados tem resultado num aumento significativo de projetos e publicações. No caso da arte rupestre, a fase de processamento de dados é atualmente muito mais ligeira e em vez de serem necessários vários dias ou até semanas para tratar o decalque de uma rocha, bastam apenas algumas horas para criar um modelo 3D muito mais detalhado. De facto, a utilização destas técnicas tornou-s comum nos estudos de arte rupestre (Valdez-Tullett e Figueiredo-Persson, 2023). Por este motivo, outros trabalhos podiam ter sido mencionados nesta secção, sobretudo desenvolvidos no âmbito de cursos de mestrado. Contudo, pretendeu-se apenas ilustrar a diversidade e versatilidade dos estudos descritos e, neste caso, das investigadoras envolvidas, em grande medida pioneiras dos pressupostos teóricos e metodológicos empre-



Figura 7 – Aplicação da técnica Reflectance Transformation Imaging (RTI) para registo de motivos em arte rupestre no Monte Faro.

gues, abertas a colaborações e a debates construtivos com linhas de pensamento divergentes.

Considerando a quantidade de arqueólogos e arqueólogas existente em Portugal, e o facto da profissionalização da arqueologia ser relativamente recente, o número de estudos em arte rupestre existentes no país é notável. Sem dúvida que a arte rupestre tem um lugar importante na historiografia da arqueologia portuguesa, andando a par com a sua consolidação e profissionalização. Contudo, até aos anos 2000 a maior parte dos estudos baseiam-se maioritariamente na identificação de motivos e suas descrições, carecendo de interpretação e contextualização, sendo relativamente circunscritos a um círculo “muitíssimo restrito de investigadores – desta forma considerados “especialistas” por si próprios e pelos demais” (A. Martins, 2014:52).

6. Discussão

Os anos 2000 trouxeram significativas transformações na forma de pensar, documentar e investigar a arte rupestre em Portugal. As gerações dos anos 2000 são proactivas, dinâmicas e abertas à mudança, à colaboração e a novas abordagens científicas. Introduzem-se novos métodos e técnicas, bem como

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



pressupostos teóricos que valorizam as metodologias contextuais e interpretativas que aproximam a arte rupestre das restantes práticas e narrativas arqueológicas. Estes trabalhos têm contribuído para melhor definição cronológica que, por conseguinte, permite situar as diferentes tradições de arte rupestre em contextos socio-culturais mais específicos e compreender melhor o papel destas práticas para as sociedades do passado.

Esta mudança dá-se, sobretudo, no feminino, impulsionada pelos trabalhos de uma série de investigadoras que introduzem novas abordagens e profundida interpretativa à arte rupestre. A importância destes contributos está patente, por exemplo, no número de publicações nacionais e internacionais, mas também na qualidade das várias teses e dissertações sendo que, até à data, várias foram agraciadas com o Prémio Eduardo da Cunha Serrão, atribuído anualmente pela AAP. Este prémio homenageia a memória deste investigador que promoveu a introdução de abordagens científicas em Portugal e teve um papel ímpar no apoio à então jovem Geração do Tejo.

Os anos 2000, e em particular a partir da década de 2010, indiciam uma verdadeira transformação na relação entre investigadores, objeto de estudo e processo de investigação. Os exemplos aqui citados, e certamente haverá mais, denotam maior abertura à colaboração, bem como interesse na partilha e disponibilização de dados e acesso à informação. As metodologias de documentação pensadas por forma a disponibilizar os detalhados catálogos que têm sido criados, garantem que estes possam ser utilizados no futuro por investigadores vindouros. Uma mudança bem-vinda sobretudo num ambiente académico onde se conhecem vários exemplos de bloqueios por parte de investigadores que procuram impor a sua prioridade científica, e que dificultam a progressão do trabalho arqueológico e investigação em geral, mas sobretudo a profissionais mais jovens. Este problema foi também denunciado por Andrea Martins que há 10 anos condenava já a falta de formação deontológica que ainda se observa em Portugal neste âmbito (Martins, 2014:19).

Estes bloqueios não são apenas materiais, mas também intelectuais. A chegada de novas ideias é frequentemente vista com algum ceticismo, pelo que os contributos das gerações mais novas são muitas vezes descartados. Em termos práticos, as publicações de certos autores poderão não ser recomendadas por outros que têm opiniões diferentes ou até por divergências pessoais, que certamente deveriam ser mantidas à margem da conduta profissional. Veja-se o caso de Lara B. Alves que em 2003 propõe uma cronologia Neolítica para a Arte Atlântica, tipicamente tida como sendo da Idade do Bronze. As suas propostas foram consistentemente ignoradas por investigadores portugueses e galegos e apenas aceites, ainda que com reservas, a partir de 2010 (Fábregas Valcarce e Rodríguez Rellán, 2012:252; Santos-Estévez, 2013; Bettencourt, 2023:304). Para além desta importante mudança de paradigma cronológico, nos últimos 20 anos Alves tem vindo a contribuir significativamente para o estudo, conhecimento e interpretação da arte rupestre em Portugal, ainda que apenas recentemente lhe tenha sido reconhecido o valor

merecido com o projecto LandCRAFT, tristemente numa altura já ensombrada por doença.

Por outro lado, não obstante a produção científica da última década, muitos autores insistem em basear-se em estudos relativamente antigos e já de certa forma ultrapassados, importando muitas vezes de forma acrítica pressupostos formulados para sítios específicos, ou forçando a aplicação destes a outros exemplos. É o caso das tipologias ou até dos esquemas cronológicos. Há, assim, pouca margem para a incorporação dos novos conhecimentos. Esta tendência verifica-se ainda na resistência à introdução e exploração de temas como a Teoria de Género e o Feminismo na interpretação do passado. Os recentes estudos sobre “mulheres artistas” na pré-história levaram a vários debates virtuais através de plataformas de redes sociais como o Facebook, alguns dos quais envolvendo membros bem conhecidos da arqueologia portuguesa, que deixaram clara a resistência, e em alguns casos a rejeição, à ideia de sociedades passadas mais igualitárias. Afinal de contas, com as suas obrigações domésticas, as mulheres certamente não teriam tempo para pintar grutas (!).

A invisibilidade das mulheres na arte rupestre portuguesa transpõe-se ainda para a sua presença (ou falta dela) no mundo global da Internet. A título de curiosidade, realizei uma série de buscas na plataforma ChatGPT de Inteligência Artificial (IA) acerca dos “*principais nomes da arte rupestre em Portugal*”. Estes termos devolveram os seguintes resultados: 1. Manuel Calado, 2. João Zilhão, 3. António Martinho Baptista, 4. Nelson Rebanda, 5. Vitor Oliveira Jorge. Uma nova busca com a expressão “*investigadores e investigadoras arte rupestre Portugal*” resultou em: 1. António Martinho Baptista, 2. João Zilhão, 3. Manuel Calado, 4. Nelson Rebanda para a classe de investigadores; 1. Marta C. A. C. Oliveira, 2. Ana Paula Faria e 3. Ana Cruz para investigadoras e sugere ainda como “outros investigadores relevantes” Luís Raposo e Vitor Oliveira Jorge. Ao perguntar diretamente sobre “*investigadoras em arte rupestre portuguesa*”, a plataforma devolve os seguintes resultados: 1. Marta C. A. C. Oliveira, 2. Ana Paula Faria, 3. Ana Cruz, 4. Célia Gonçalves, 5. Cláudia Fidalgo, 6. Elsa Rodrigues, 7. Lídia Fernandes, 8. Sandra Baptista, 9. Rita Gaspar, 10. Raquel Vilaça. Nova pesquisa por “*mulheres arte rupestre portuguesa*” apenas devolve resultados relativos a representações femininas na arte rupestre e à importância da mulher na sociedade pré-histórica.

Embora a IA seja apenas tão inteligente quanto o fator humano que o determina permite, nestas listagens estão obviamente ausentes os principais nomes de investigadoras em arte rupestre em Portugal, situação que não se verifica com os intervenientes do sexo masculino. Neste caso, embora nem todos os autores estejam listados, pelo menos alguns dos nomes referidos pelo sistema referem-se a pessoas que de facto contribuíram para o estudo de pinturas e gravuras rupestres em Portugal. Se precisássemos de mais provas, este exercício demonstra a necessidade de artigos como este, que têm como objetivo dar visibilidade ao contributo das mulheres portuguesas para a arqueologia nacional, em particular aquelas dedicadas ao estudo da arte rupestre. **(Figura 8)**

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins





Figura 8 - Painel final durante o Seminário CIART, decorrido em Maio 2024 em Vila Velha de Rodão, ilustrando a falta de paridade que se verificou ser comum à historiografia da arte rupestre em Portugal.

7. Conclusão

Este artigo não pretende lançar um debate filosófico feminista aplicado à arte rupestre em Portugal, mas antes trazer à luz alguns dos nomes de personalidades intervenientes em momentos importantes como sejam o salvamento das gravuras do Tejo ou a “Revolução do Côa”, mas que se mantém ainda invisíveis na bibliografia e historiografia da disciplina. Não é necessário um grande esforço para encontrar várias referências bibliográficas acerca da arte rupestre portuguesa e observar que são, quase na sua totalidade, da autoria de investigadores masculinos. As vozes femininas tardam a impor-se, muito devido ao carácter patriarcal que caracteriza ainda hoje a sociedade portuguesa e que molda a falta de consciência feminina (Costeira e Luís, 2020: 77). Não obstante, o século XXI traz ecos de mudança, ainda que lenta. Para além do maior envolvimento de profissionais do sexo feminino em todas as vertentes da disciplina, verifica-se também alguma abertura a temáticas relacionadas com a Arqueologia de Género e Feminismo, que já têm presença noutros meios académicos desde os finais dos anos de 1970 e 1980 (e.g., Gero, 1983; Conkey & Spector 1984). Embora a primeira publicação acerca do tema do género surja pela mão de V.O. Jorge e S.O. Jorge ainda nos anos 1990 (Jorge & Jorge, 1996), só mais de uma década depois o assunto torna a ser abordado por Mariana Diniz (Diniz, 2006). De facto, só na última década, e em parti-

cular nos últimos 4 anos, se tem assistido a um aumento de discussões sobre esta temática, com algumas publicações esporádicas sobre o assunto (Dinis, 2006; Vale, 2010; Boaventura, 2011; F. Gomes, 2011, 2015; A. Martins, 2021), e a organização de eventos que são por norma pouco frequentados, ou sempre frequentados pelas mesmas pessoas interessadas⁴.

É o novo milénio que reacende o interesse por este assunto, sobretudo a partir da década de 2010, realçando-se o trabalho de Ana Cristina Martins, mais sistemático ainda que direcionado para as biografias das pioneiras da arqueologia portuguesa (e.g., 2016; Senna-Martinez & Martins 2021), de Jacinta Bugalhão (2013, 2017, 2024) focado em questões laborais, e de Mariana Diniz que conduz uma investigação acerca da disparidade entre publicações por homens e mulheres, bem como acerca do papel das mulheres e como estas são vistas no passado (Diniz, 2006; Dimas & Diniz, 2020). Ainda sobre este tema, Ana Vale publica, relativamente cedo, importantes reflexões críticas acerca das atuais percepções de género e preconceitos patriarcais aplicados ao passado (Vale, 2010, 2015). O primeiro trabalho académico escrito a partir de uma perspetiva da Teoria de Género é apresentado à Universidade de Coimbra em 2020, da autoria de Ana Filipa Amor dos Santos, orientado por Raquel Vilaça.

Este atraso na introdução da Arqueologia de Género e Feminismo na arqueologia portuguesa, que de uma forma geral não deambula demasiado em pressupostos teóricos, tem repercussões a vários níveis. Não sendo um tema comumente abordado nos cursos de licenciatura, à partida não faz parte da formação geral dos estudantes nem do seu pensamento crítico. Esta ausência influencia a forma como as interpretações e narrativas do passado são escritas, dando continuidade à ideia da mulher passiva afeta à casa, aos filhos e outros papéis domésticos. Esta perspetiva é frequentemente encontrada em representações sobre a pré-história não só em museus, mas também numa série de materiais para consumo do público em geral. É também comum aos manuais escolares contribuindo para perpetuar o carácter patriarcal da sociedade. E assim, nesta bola de neve, se continua a silenciar as vozes das mulheres.

Termino este artigo com uma palavra dedicada à Andrea, homenageada neste volume, epíteto de transformação e mudança na arqueologia portuguesa. A Andrea e eu conhecemo-nos no meio da arte rupestre e cruzamo-nos algumas vezes em pessoa, muitas vezes no mundo virtual, para trocar ideias,

³ Nos últimos anos contam-se os seguintes eventos: 5 de Abril 2022 – “ArSHEology #arqueologia #mulheres #passado #ciência # profissão”, organizado no âmbito do Seminário Arqueologia e o Mundo Contemporâneo do Mestrado em Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; 8 de Março 2023 – Seminário “Mulheres na arqueologia (estrati)grafias, organizado por A.C. Martins, António Marques, Pedro Urbano e Francisco B. Gomes; 15 de Setembro 2022 – Symposium “Past, Present and Future of Women and Gender Studies in Archaeology, organizado por Ana Galán López, Ana Abrunhosa e Joana Valdez-Tullett no âmbito do congresso internacional BRIDGES.



conhecimentos, para apoiar mutuamente os nossos projetos e os nossos trabalhos, para chorarmos as nossas dificuldades e celebrarmos os nossos sucessos.

A Andrea representa bem o que eu tentei exprimir neste artigo. A mudança, a determinação e a resiliência que caracteriza tão bem as mulheres arqueólogas e, neste caso, as especialistas em arte rupestre que, não obstante os obstáculos, percorrem os seus caminhos – muitas vezes árduos – para atingir e ir mais além dos seus objetivos. Não quero com isto dizer que os arqueólogos homens não tenham dificuldades nos seus percursos profissionais, mas estudos recentes têm vindo a demonstrar (se tal fosse preciso) que um conjunto de fatores torna a progressão profissional das mulheres mais complicada. Esta afirmação é verdadeira para virtualmente todas as áreas profissionais, agravada em arqueologia pelos próprios desafios que a disciplina tem em afirmar o seu valor social, ainda envolto numa ideia romântica de sinónimo de escavação em locais exóticos e recuperação de artefactos belos, que não se coaduna com as funções reais da profissão (Costeira & Luís, 2020: 79).

A Andrea deixa um legado imenso, em várias áreas do conhecimento, de norte a sul do país, e sobretudo um trabalho notável na difusão do conhecimento quer em meio científico, quer para o público civil. Acima de tudo, a Andrea introduziu capacidade crítica nas suas análises de arte rupestre, na historiografia da arqueologia e no meio académico, abraçando temas ainda pouco abordados. A sua dedicação, generosidade e sorriso fácil, certamente terão deixado muitas sementes, só à espera de germinar.

Obrigada Andrea!



Figura 9 – Andrea Martins ao centro acompanhada por Mariana Diniz (à esquerda) e Francisco Gomes (à direita) em 2018 no TAG Ibérico em Carmona (Espanha). (Fotografia de Daniel Carvalho).

Agradecimentos

Agradeço a José Morais Arnaud e a César Neves a amabilidade e a honra de poder contribuir para esta homenagem muito merecida à Andrea Martins. Este foi um artigo difícil de escrever pelas emoções fortes, as boas e menos boas recordações e muitas lágrimas nos olhos.

À Sofia Figueiredo-Persson, pelo constante incentivo, olhar crítico e por estar sempre pronta a alinhar em parcerias! Sobretudo, a amizade.

Agradeço também a todos e todas as colegas que contactei (que por ora permanecerão anónimas) com questões acerca das suas experiências e conhecimento destes episódios marcantes da historiografia portuguesa e sobretudo da arte rupestre em Portugal, e que generosamente me deram imensas informações preciosas para compor este puzzle.

Obrigada ao Daniel Carvalho por me autorizar a reprodução da Figura 9, uma das minhas fotografias preferidas da Andrea e que tão bem ilustra o seu lugar na arqueologia portuguesa.

Finalmente, obrigada à Lara Bacelar Alves e à Andrea Martins, pelas aprendizagens, a inspiração e a amizade.

Referências bibliográficas

ABREU, Mila Simões (1995) – Salvar o Côa: o movimento internacional para a salvaguarda da arte rupestre do Vale do Côa. In JORGE, Vitor Oliveira (coord.) *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 816-821.

ABREU, Mila Simões (2012) – *Rock-Art in Portugal, History, Methodology and Traditions*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Tese de Doutoramento).

ABREU, Mila Simões de; JAFFE, Ludwig (1995) – Projecto Gravado no Tempo – Portugal – inventário da arte rupestre: 1991 – 1993. In JORGE, Vitor Oliveira (Coord.) *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(2), pp. 417-431.

ABREU, Mila Simões de; BEDNARIK, Robert (2000) – Fariseu rock art not archaeologically dated. *Rock Art Research*, 17(1), pp. 65-68.

ALVES, Francisco Manuel (1934) – *Memórias arqueológicas-históricas do distrito de Bragança*. Tomo 9: Bragança.

ALVES, Lara Bacelar (2003) – *The movement of signs. Post-glacial rock art in north-western Iberia*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade de Reading (Reino Unido).

ALVES, Lara Bacelar (2009) – O sentido do signos. Reflexões e perspectivas para o estudo da arte rupestre do pós-glaciar no norte d Portugal. In BALBÍN BEHRMANN, R. (Ed) *Arte Prehistórico al aire libre en el Sur de Europa*. Junta de Castilla y León, pp. 381-413.

ALVES, L. B. (2013) – Anexo I. A Rocha Gravada de Aqualta 7, in As Comunidades Agropastoris na Margem esquerda do Guadiana. VALERA, António Carlos, *Memórias d’Odianna – Estudos Arqueológicos do Alqueva*, 2ª série, no 6, EDIA, pp. 505-538.

ALVES, Lara Bacelar; REIS, Mário (2017a) – As gravuras rupestres do Monte Faro (Va-

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



- lença, Viana do Castelo) – Um exemplo maior da Arte Atlântica Peninsular. *Portugália*, Nova Série, vol. 38, p. 49-86.
- ALVES, Lara Bacelar; REIS, Mário (2017b) – Tattooed landscapes. A reassessment of Atlantic Art distribution, research methods and chronology in the light of the discovery of a major rock art assembly at Monte Faro (Valença, Portugal). *Zephyrus*, LXXX, pp. 49-67.
- ALVES, Lara Bacelar; MARTINS, Andrea; REIS, Mário (2023) – Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa. In ARNAUD, José Morais; NEVES, César; MARTINS, Andrea (Eds) *Arqueologia em Portugal 2023 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1801-1814.
- ANATI, Emmanuel (1968) – El arte rupestre galaico-portugues. *Simpósio Internacional de Arte Rupestre* (1966). Barcelona, pp. 154-195.
- ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea (2021) – A Associação dos Arqueólogos Portugueses e o Vale do Côa – um longo percurso pela defesa e divulgação do Património. In AUBRY, Thierry; SANTOS, André T.; MARTINS, A. (Eds) *Côa Symposium. Novos olhares sobre a Arte Paleolítica*. Edição Associação dos Arqueólogos Portugueses e Fundação Côa- Parque, pp. 405-416.
- ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César; DINIZ, Mariana (2023) – Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um project através dos agentes da sua história. In ARNAUD, José Morais; NEVES, César; MARTINS, Andrea (Eds) *Arqueologia em Portugal. 2023 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1943-1961.
- BAPTISTA, António Martinho (1980) – Introdução ao estudo da arte pré-histórica do noroeste peninsular, 1, As gravuras rupestres do Gião. *Minia*, Braga, 2ª Série 3 (4), pp. 80-100.
- BAPTISTA, António Martinho (1981a) – A Arte do Gião. *Arqueologia*, nº 3, pp. 56-66.
- BAPTISTA, António Martinho (1981b) – O complexo de arte rupestre da Bouça do Colado (Parada, Lindoso): Notícia preliminar. *Giesta*, 1 (4), pp. 6-16.
- BAPTISTA, António Martinho (1983) – O Complexo de Gravuras Rupestres do Vale da Casa. *Arqueologia*, Porto, nº 8.
- BAPTISTA, António Martinho (1983-84) – Arte Rupestre do Norte de Portugal: uma perspectiva. *Portugália*, Nova Série – IV/V, pp. 71-82.
- BAPTISTA, António Martinho (1985) – A estátua-menir da Ermida (Ponte da Barca, Portugal). *O Arqueólogo Português*, Série IV, vol. 3, pp. 7-44.
- BAPTISTA, António Martinho (1986) – Arte rupestre pós-glaciária. Esquematismo e abstracção, In *História da Arte em Portugal*, Lisboa: Alfa, Vol.1, pp. 31-55.
- BAPTISTA, António Martinho (1999) – *Do tempo sem tempo. A arte dos caçadores paleolíticos do Vale do Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.
- BAPTISTA, António Martinho (2002) – Arte rupestre na área de influência do Alqueva em Portugal. *Al-madan*, 2ª série, no 11, pp. 158-164.
- BAPTISTA, António Martinho (2004) – Arte Paleolítica de Ar Livre no Rio Zêzere (Bar-

roca, Fundação). *Eburobriga – Revista do Museu Arqueológico Municipal José Monteiro (Fundação)*, nº 1, pp. 9-16.

BAPTISTA, António Martinho (2009) – *O Paradigma Perdido. O Vale do Côa e a Arte Paleolítica de Ar Livre em Portugal*. Edições Afrontamento.

BAPTISTA, António Martinho (2011a) – 40 anos depois – A Arte do Tejo no seu labirinto... AÇAFA On Line, no 4. Consultado em https://www.altotejo.org/acafa/docsn4/A_Arte_do_Tejo_no_seu_labirinto_A_Martinho_Baptista.pdf

BAPTISTA, António Martinho (2011b) – Do Escoural ao Vale da Casa. In *Escoural. Uma gruta pré-histórica no Alentejo*. Ed Direcção Regional de Cultura do Alentejo, pp. 127-143.

BAPTISTA, António Martinho; GOMES, Mário Varela (1995) – Arte Rupestre do Vale do Côa. 1. Canada do Inferno. Primeiras Impressões. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 349-422.

BAPTISTA, António Martinho; SANTOS, André T. (2013) – *A Arte Rupestre do Guadiana Português na área de influência do Alqueva, Memórias d’Odiana – 2ª série*, no 1, EDIA.

BARNETT, Tertia; VALDEZ-TULLETT, Joana; BJERKETVEDT, Linda Marie; ALEXANDER, Frederick; JEFFREY, Stuart; ROBIN, Guillaume; HOOLE, Maya (2021) – *Prehistoric Rock Art in Scotland. Archaeology, Meaning and Engagement*. Historic Environment Scotland. Disponível Online: <https://www.historicenvironment.scot/archives-and-research/publications/publication/?publicationId=a6d48c09-3323-4fba-b1ab-ae6200a1c8ab>

BARNETT, Tertia; VALDEZ-TULLETT, Joana; HOOLE, Maya; JEFFREY, Stuart; ROBIN, Guillaume; BJERKETVEDT, Linda Marie; ALEXANDER, Frederick (2022) – The Past, Present and Future of Rock Art Research in Scotland. In MAZEL, Aron; NASH, George (Ed) *Signalling and Performance: Ancient Rock art in Britain and Ireland*. Oxford: Archaeopress, pp. 10-66.

BEDNARIK, R. G. (1995a) – The Côa Petroglyphs: an obituary to the stylistic dating of Palaeolithic rock art. *Antiquity*, 69: pp. 877-883.

BEDNARIK, R. G. (1995b) – *Côa Valley rock art analytical research program*. Relatório interno apresentado à Electricidade de Portugal (EDP).

BEDNARIK, R. G. (2016) – *Myths about rock art*. Oxford: Archaeopress.

BETTENCOURT, Ana M.S. (2023) – Thinking about the Bronze Age Rock Art of Portugal. What’s New? In G. Nash e S. Garcês (Ed) *The Prehistoric Rock Art of Portugal*. London: Routledge, pp. 303-325.

BETTENCOURT, Ana M.S.; ABAD-VIDAL, Emilio; RODRIGUES, E. (2017) – CVARN – Rock Art Virtual Corpus of North-western Portugal. A Multimedia tool to investigate and describe Post-Palaeolithic Rock Art. In BETTENCOURT, Ana, M.S.; SANTOS-ESTÉVEZ, Manuel; CARDOSO, Daniela (Eds) *Recorded Places, Experiences Places. The Holocene Rock Art of the Iberian Atlantic Northwest*. Oxford: British Archaeological Reports (BAR)/Archaeopress.

BOAVENTURA, Rui (2011) – Bodies in Motion. Implications of Gender in Long-Distance Exchange between the Lisbon and Alentejo Regions in Portugal in the Late Neolithic. In LILLIOS, Katina (Ed) *Comparative Archaeologies: The American Southwest (AD900 – 1600) and the Iberian Peninsula (3000 – 1500 BC)*. Oxford: Oxbow, pp. 207-219.

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



- BRADLEY, Richard (1997) – *Rock Art and the Prehistory of Atlantic Europe. Signing the Land*. London: Routledge.
- BREEZE, David J.; MARSHALL, Rosalind K.; RALSTON, Ian (2019) – Marguerite Wood and Margaret Simpson, two pioneering Scottish Women. *Scottish Archaeological Journal*, 41(1), pp. 108-118.
- BREUIL, Henri (1933) – *Les peintures rupestre schématiques de la Péninsule Ibérique*. Vol I a IV. Imprimerie de Lagny.
- BREUIL, Henri (1935) – *Les Peintures Rupestres Schématiques de la Péninsule Ibérique*, Vol. IV – Sid-Est et Est de l’Espagne. Imprimerie de Lagny.
- BUENO-RAMIRÉZ, Primitiva; BALBÍN-BEHRMANN, Rodrigo (1995) – La graphie du serpent dans la culture mégalithique péninsulaire. Représentations de plein air et représentations dolméniques. *L’Anthropologie*, 100, pp. 357-381.
- BUENO-RAMIRÉZ, Primitiva; BALBÍN-BEHRMANN, Rodrigo (1996) – El papel del elemento antropomorfo en el arte megalítico ibérico. *Revue Archéologique de l’Ouest*, n° 4, pp. 41-64.
- BUGALHÃO, Jacinta (2013) – As mulheres na arqueologia portuguesa. In ARNAUD, José Morais; MARTINS, Andrea; NEVES, César (Coord.). *Arqueologia em Portugal: 150 anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 19-23.
- BUGALHÃO, Jacinta (2017) – O Papel da Mulher da Arqueologia Portuguesa. *Ophiussa*, 1, pp. 123-130.
- BUGALHÃO, Jacinta (2024) – Gender Divergence and Convergence in Portuguese Archaeology. In: PALINCAŞ, N., MARTINS, A.C. (eds) *Gender and Change in Archaeology. Interdisciplinary Contributions to Archaeology*. Springer, pp. 201-218.
- CARDOSO, João Muralha; REIS, Mário; CARVALHO, Bárbara; ALVES, Lara Bacelar (2023) O Projecto LandCRAFT. A intervenção arqueológica no Abrigo das Lapas Cabreiras. In ARNAUD, José Morais; NEVES, César; MARTINS, Andrea (Eds) *Arqueologia em Portugal. 2023 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 105-117.
- CARDOZO, Mário (1941) – La “Pedra Escrita” de Serrazes. *Archivo Español de Arqueología*, vol. 42, p. 152.
- CARDOZO, Mário (1951) – Monumentos arqueológicos da Sociedade Martins Sarmiento. *Revista de Guimarães*, vol. LXI, pp. 6-80.
- CONKEY, Margaret; SPECTOR, Janet (1984) – Archaeology and the Study of Gender. *Archaeological Theory and Method*, 7, pp. 1-38.
- COSTEIRA, Catarina; LUÍS, Elsa (2020) – Retratos da Arqueologia Portuguesa na Imprensa: (in)visibilidades no feminino. In ARNAUD, José Morais; NEVES, César; MARTINS, Andrea (Eds) *Arqueologia em Portugal / 2020 – Estado da Questão*, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 73-83.
- CORRÊA, António Augusto Mendes (1924) – *Os povos primitivos da Lusitania (Geografia, Arqueologia, Antropologia)*. Lisboa: Cada Editora de A. Figueirinhas.
- CORREIA, Dalila; MAGALHÃES, Carla; SAMPAIO, Jorge; REIS, Mário (2018) – *Da lon-*

- ga ausência de um Plano de Ordenamento no Parque Arqueológico do Vale do Côa. Anuário do Património 2016/2018, no 3, pp. 172-175.
- CORREIA, Vergílio (1916) – Pinturas rupestres descobertas em Portugal no século XVIII. *Terra Portuguesa*, anno 1º, no 4, pp. 116-119.
- CORREIA, Vergílio (1917a) – A propósito da “Arte rupestre gallego y portugues” do Sr Juan Cabré Aguiló. *Terra Portuguesa*, anno 1º, no 12, pp. 186-188.
- CORREIA, Vergílio (1917b) – Os ídolos-placas. Arte Preistórica. *Terra Portuguesa*, anno 2º, nos 13, 14, pp. 29-35.
- CRUZ, Domingos; VILAÇA, Raquel (1994) – O dólmen 1 do Carapito (Aguiar da Beira, Guarda): Novas datações de carbono 14. *Estudos Pré-Históricos*, vol. II, pp. 63-68.
- CUNHA, Ana Leite da (1991) – Estação de arte rupestre de Molelinhos. Notícia preliminar. *Actas das IV Jornadas Arqueológicas das Associação dos Arqueólogos Portugueses*, pp. 253-265.
- CUNHA, Ana Leite da (1993) – Pinturas rupestres na anta da Arquinha da Moura (concelho de Tondela, Viseu): Notícia Preliminar. *Estudos Pré-Históricos*, vol. 1, pp. 83-95.
- CUNHA, Ana Leite da da (1995) – Anta da Arquinha da Moura (Tondela). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 35 (3), pp. 133-151.
- CUNHA, Ana Leite da; SILVA, Eduardo Jorge da (1980) – Gravuras Rupestres do Concelho de Valença (Monte Fortes, Taião), Tapada do Ozão e Monte da Laje). *Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Pennsular*, Guimarães, II, pp. 121-131.
- CUNHA, Ana Leite da; SILVA, Eduardo Jorge da (1986) – As Gravuras Rupestres do Monte da Laje. *Arqueologia*, nº 13, pp. 143-158.
- DIMAS, Filipa; DINIZ, Mariana (2020) – Dados para a História das Mulheres na Arqueologia Portuguesa, nos finais do século XIX aos inícios do século XXI. In ARNAUD, José Morais; NEVES, César; MARTINS, Andrea (Eds) *Arqueologia em Portugal 2020 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portuguesa, pp. 57-71.
- DINIZ, Mariana (2006) – Para a história das mulheres na Pré-História: em torno de alguns contributos do discurso. *Promontoria*, 4, pp. 37-51.
- DINIZ, Mariana; MARTINS, Andrea; COLLA, Elizabetta; NEVES, César; NUKUSHINA, Diana (2019) – BeArchaeo Project. Poster disponível em https://www.researchgate.net/publication/339001439_Be-Archaeo.
- FÁBREGAS-VALCARCE, Ramon; RODRÍGUEZ-RELLÁN, Carlos (2012) - Images in their Time: new insights into the Galician petroglyphs. In JONES, A. M.; POLLARD, J.; ALLEN, M. J.; GARDINER, J. (ed.) *Image, Memory and Monumentality. Archaeological engagements with the material world*. Oxford: Oxbow Books, pp. 249-259.
- FIGUEIREDO, Sofia (2014) – *A Arte Esquemática do Nordeste transmontano: contextos e linguagens*. Tese de Doutoramento apresentada à Universidade do Minho.
- FIGUEIREDO, Sofia; XAVIER, Pedro; NOBRE, Luís (2015) – Placas móveis com grafismos rupestres paleolíticos do Terraço do Medal (Nordeste, Portugal): uma primeira análise a temas e estilos. *ARKEOS*, 37, pp. 1573-1588.
- FIGUEIREDO-PERSSON, Sofia; SILVA, Andreia; VALDEZ-TULLETT, J.; FIGUEIREDO,

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



Elin; LARRAZABAL-GALARZA, Javier (2022) Impacte arqueológico da barragem do Sabor: novos conhecimentos de arte rupestre e o património como recuso para o desenvolvimento sustentável. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 25, pp. 9-22.

FONTES, Joaquim (1932a) – Sobre algumas figuras rupestres do santuário Pré-Histórico do Gião. *Revista de Arqueologia*, vol. I, tomo I, pp. 75-82.

FONTES, Joaquim (1932b) – Várias modalidades do sinal cruciforme no santuário pré-histórico do Gião (Arcos do Val-de-Vez). *Revista de Arqueologia*, tomo I, pp. 235-243.

FONTES, Joaquim (1933) – Figuras astrais no santuário pré-histórico do Gião (Arcos de Vadevez). *Homenagem a Martins Sarmento*. Guimarães: Sociedade Martins Sarmento, pp. 120-121.

FORTES, José (1907) – A propos des sculptures sur les mégalithes du Portugal. *Deuxième Congrès Préhistorique de France*.

GERO, Joan (1983) – Gender bias in Archaeology: a cross-cultural perspective. In FERO, Joan; LACY, David; BLAKEY, Michael (Eds) *The Socio-Politics of Archaeology*. Amherst: Society of American Archaeology, p. 51-57.

GIRÃO, Aristides de Amorim (1923) – A “Pedra Escrita” de Serrazes. A Beira, ano I, nº 40.

GIRÃO, Aristides de Amorim (1925) – Arte rupestre em Portugal (Beira Alta). *Biblos*, vol. I, no 3, pp. 81-95.

GOMES, Francisco (2011) – Arqueologia e Género(s): de strange bedfellows a um paradigma crítico da leitura do passado. *Sapiens: História, Património e Arqueologia*, 5, pp. 6-30.

GOMES, Francisco (2015) – Género, Identidade e Poder: para uma leitura crítica das relações de género em Arqueologia. *Conimbriga*, LIV, pp. 27-44.

GOMES, Mário Varela (1983) – A Gruta do Escoutal, um santuário paleolítico. In *História de Portugal*, Vol. I, Lisboa: Publicações Alfa, pp. 60-61.

GOMES, Mário Varela (2002) – Arte rupestre em Portugal – perspectiva sobre o último século. *Arqueologia & História*, – *Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, 54, pp. 139-194.

GOMES, Mário Varela (2010) – *Arte Rupestre do Vale do Tejo: um ciclo artístico-cultural pré e proto-histórico*. Universidade Nova de Lisboa (Tese de Doutoramento).

GOMES, Nuno (2014) – *Estudo do sítio com gravuras rupestres de Lamelas (S. Salvador – Ribeira de Pena)*. Universidade do Porto (Dissertação de Mestrado).

GOMES, Rosa; GOMES, Mário Varela SANTOS, M. F. (1983) – O Santuário Exterior do Escoural secto NE (Montemor-o-Novo). *Zephyrus*, 36, pp. 287-307.

GONÇALVES, Vitor; BALBÍN-BEHRMANN, Rodrigo; BUENO-RAMIRÉZ, Primitiva (1997) – A estela-menir do Monte da Ribeira (Reguengos de Monsaraz, Alentejo, Portugal). *Brigantium*, vol. 10, pp. 235-254.

JORGE, Susana Oliveira (1995) – Placing “rock art” in its archaeological context: the case of the high Douro region, and particularly of the Côa area (north of Portugal) in late prehistory. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 757-760.

JORGE, Susana Oliveira; JORGE, Vitor Oliveira; ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira

de; SANCHES, Maria de Jesus; SOEIRO, Teresa (1981) – Gravuras rupestres de Mazouco (Freixo de Espada à Cinta). *Arqueologia*, 3, pp. 3-12.

JORGE, Vitor Oliveira (1983) – Gravuras Portuguesas. *Zephyrus*, 33, pp. 53-62.

JORGE, Vitor Oliveira (1983-84) – Arte rupestre em Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 26 (1-4), pp. 27-50.

JORGE, Vitor Oliveira (1994) – L'art mégalithique peint. *Archéologia*, n° 304, p. 42.

JORGE, Vitor Oliveira (Coord.) (1995) – Dossier: Côa. Separata especial de *Trabalhos de Arqueologia e Etnologia*, 35(4).

JORGE, Vitor Oliveira (1996-1997) – Em torno da arte megalítica: Revisitando uma visão de 1981. *Portugália*, Nova Série, vols XVII – XVIII, pp. 51-76.

JORGE, Vitor Oliveira (1997) – Questões de interpretação da arte megalítica. *Brigantium*, vol. 10, pp. 47-65.

JORGE, Vitor Oliveira; BAPTISTA, António Martinho; SANCHES, Maria de Jesus (1988) – A Fraga d'Aia (Paredes da Beira – S. João da Pesqueira) – arte rupestre e ocupação pré-histórica. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XXVIII, pp. 201-233.

JORGE, Vitor Oliveira; JORGE, Susana Oliveira (1995) – Portuguese rock art: a general view. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4), pp. 323-348.

JORGE, Vitor Oliveira; JORGE, Susana Oliveira (1996) – Women in Portuguese Archaeology. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 36, pp. 159-167.

LATTAO, Virginia; COLLADO, Hipólito; GARCÉS, Sara; GOMES, Hugo; ROSINA, Pierluigi; NASH, George; GARCIA ARRANZ, José Julio; MIRA PERALES, Hugo Alberto (2023) – O projeto FIRST-ART: documentação, conservação e gestão das primeiras manifestações da arte rupestre no sudoeste da Península Ibérica: As Grutas de Escoural e Maltravieso. *Boletim do Centro Português de Geo-História e Pré-História*, 5 (2), pp. 9-20.

LEISNER, Vera; RIBEIRO, L (1968) – Die dolmen von Carapito. *Madridrer Mitteilungen*, vol. 9, pp. 11-62.

LE MOS, Francisco Sande (1994) – Dossier Côa I: o relatório de impacte patrimonial (1989). *Forum*, 15/16 (Janeiro – Julho), pp. 141-156.

LE MOS, Francisco Sande (2011) – Vale do Tejo – a Ventura da Arte Rupestre. AÇAFA On Line, n° 4. Consultado em https://www.altotejo.org/acafa/docsn4/Vale_do_Tejo_a_Ventura_da_Arte_Rupestre_F_Sande_Lemos.pdf.

LIMA, Paulo (2013) – *Avaliação de novas metodologias espectrais e de sua modelação tridimensional digital no estudo da arte rupestre. Resultados da sua aplicação no estudo do Abrigo da Pala Pinta (Alijó), Trás-os-Montes*. Universidade do Porto (Dissertação de Mestrado).

LÓPEZ-CUEVILLAS, (1948) – El Nordeste de Portugal y el arte megalítico. *Archivo Español de Arqueologia*, vol. XXI, pp. 245-254.

LUÍS, Luís (2018) – As gravuras ainda não aprenderam a andar. Impacto das cheias na arte rupestre do Vale do Côa entre 1996 e 2016. *Al-Madan*, Ila Série (22), Tomo 1, pp. 10-27.

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



LUÍS, Luís (2023) – Primeiro inventário figurativo da arte rupestre da Idade do Ferro entre o Côa e Douro. In Dalila Correia & André Tomás Santos (Eds.), *Por este rio acima: A arte pré e proto-histórica do Vale do Côa. Estudos em homenagem a António Fernando Barbosa*. Vila Nova de Foz Côa: Côa Parque, Fundação para a Salvaguarda e Valorização do Vale do Côa, pp. 183-265.

MARQUES, Teresa (2011) – Vão estas palavras... extractos de cadernos de campo de 1972/73. *AÇAFA On Line*, no 4. Consultado em https://www.altotejo.org/acafa/docsn4/Vao_estas_palavras_1972_Teresa_Marques.pdf.

MARTINS, Ana Cristina (2016) – Pioneiras da Arqueologia em Portugal. “Another Brick” against “the wall” of indifference. Maria de Lourdes Costa Arthur (1924 – 2003). *Revista Clepsydra*, 15, pp. 77-100.

MARTINS, Andrea (2006) – Gravuras rupestres do Noroeste peninsular: a Chã de Rapada. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 9(1), pp. 47-70.

MARTINS, Andrea (2014) – *A Pintura Rupestre do Centro de Portugal. Antropização simbólica da paisagem pelas primeiras sociedades agro-pastoris*. Universidade do Algarve (Tese de Doutoramento).

MARTINS, Andrea (2017) – E depois do Côa? A investigação de arte rupestre em Portugal desde 1995. Parte 1: a Sul do Tejo. In ARNAUD, José; MARTINS, Andrea (Coord.) *Arqueologia em Portugal – 2017 Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 969-990.

MARTINS, Andrea (2020) – Iconography of the third millennium BC in western Iberia: the representations of deer. *Adoranten*, 51, pp. 24-40.

MARTINS, Andrea (2021) Schematic Rock Art paintings in Portugal: an approach to the female universe at Lapa dos Gaivões. *Cuadernos de Arte Prehistórico*, 11, pp. 19-44.

MARTINS, Andrea; FERNANDES, Carla Alves; FONSECA, Cristovão (2013) A Pedra Santa: gravuras rupestres na vertente noroeste da Serra da Estrela. *Arqueologia & História*, – *Revista da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, 60/61, pp. 9-21.

MARTINS, Andrea; NEVES, César (2021) – Povoados e Necrópoles no Estuário fo Tejo. In BUENO-RAMÍREZ, Primitiva; SOLER DÍAZ, Jorge (Coord) *Ídolos, Olhares Minelares – Guia da Exposição*. Museu Nacional de Arqueologia, pp. 152-155.

MARTINS, Marco; GARCÊS, Sara; GOMES, Hugo; TRINDADE, Anícia; CARDOSO, Douglas Oliveira; FERRAZ, Eduardo; OOSTERBEEK, Luíz (2024) – Cocreation of tourist experiences in archaeological landscapes - the prehistory and traditional knowledge festival of Mação. XV International Tourism Congress, Sciendo, pp. 91-96.

MESQUITA, Horácio; CORREIA, Virgílio (1922) – Arte Rupestre em Portugal – a Pala Pinta. *Terra Portuguesa*, vol. IV, no 33-34, pp. 145-147.

MOITA, Irisalva (1966) – *Características Predominantes do Grupo Dolménico da Beira Alta*, Lisbon, Portugal.

MOREIRA, José (2018) – *Podomorfos na fachada ocidental do Noroeste de Portugal, entre os rios Douro e Minho*. Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

OBERMAIER, Hugo (1923) – Impressiones de un viaje prehistorico por Galicia. *Separa-*

- ta del Boletim de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos y Artísticos de Orense, 7, pp. 148-149.
- OBERMAIER, Hugo (1925) – Die bronzezeitlichen Felsgravierungen von Nordwestpanien (Galicien). *Jarbuch fuer Praehistorische und Ethnographische Kunst*, 1, pp. 51-59.
- OLIVEIRA, Jorge de; BORGES, Sofia (1998) – Arte Rupestre no Parque Natural da Serra de São Mamede, *Ibn Maruan – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, no 8, Câmara Municipal de Marvão, Edições Colibri, pp. 193-202.
- PAÇO, Afonso do (1942) – Gravuras rupestres de Outeiro e Carreço (Viana do Castelo). *O Instituto*, pp. 271-274.
- PAÇO, Afonso do (1961) – Citânia de Sanfins. Lucerna, Vol. I, pp. 106-112.
- PEIXOTO, Ana (1997) – A Lapa dos Gaivões – Arronches, *Ibn Maruan – Revista Cultural do Concelho de Marvão*, pp. 265-291.
- POPE, Rachel; DAVIES, Mairi (2023) – Peggy Piggott: Women and British Archaeology (1930-1945). *Oxford Journal of Archaeology*, 42(3), pp. 256-279.
- POPE, Rachel; DAVIES, Mairi (2024) – Peggy Piggott and Post-war British Archaeology. *European Journal of Archaeology*, 1, p. 1-22, doi:10.1017/eea.2024.13.
- PINTO, Alexandra Cerveira; CORREIA, Virgílio Hipólito; SILVA, António Manuel (1995) – Parque Arqueológico do Côa. Propostas para um projecto. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(2), pp. 529-552.
- QUIRINO, Carla; MARTINS, Andrea; DINIZ, Mariana (2023) – Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como case de estudo. In ARNAUD, José Morais; NEVES, César; MARTINS, Andrea (Eds) *Arqueologia em Portugal. 2023 – Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1993-2012.
- RALSTON, Ian (2009) – Gordon Childe and Scottish archaeology: the Edinburgh years 1927-1946. *European Journal of Archaeology*, 12 (1-3), pp. 47-90.
- REIS, Mário (2014) – ‘Mil rochas e tal...’: inventário dos sítios da arte rupestre do vale do Côa. *Portugália*, Nova Série, Vol. XXXV, pp. 17-29.
- REIS, Mário (2021) – Mulheres em Armas! Uma diferente hipótese interpretativa sobre uma conhecida figura da rocha 3 da Vermelhosa. In NALDINHO, Sandra M. E.; SILVINO, T. (Coord.) *Estudos em Homenagem ao Doutor António do Nascimento Sá Coixão*. Museu da Casa Grande de Freixo Numão.
- REBANDA, Nelson (1995) – Barragem de Vila Nova de Foz Côa. Os trabalhos arqueológicos e o complexo de arte rupestre do Côa. *Boletim da Universidade do Porto*, 5 (25), pp. 11-16.
- RIBEIRO, Kenia de Aguiar (2020) – *Arqueologia da imagem e arte rupestre: estudo dos originais fotográficos históricos de Ramón Sobrino Buhigas (1888 – 1946)*. Instituto Politécnico de Tomar (Dissertação de Mestrado apresentada).
- ROCHA, António dos Santos (1899) – As Arcainhas do Seixo e da Sobreda. *Portugália*, vol. 1, pp. 13-22.
- ROSA, Neemias Santos da (2012) – *Contribuição para o estudo do complexo de arte rupe-*

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



- tre do Vale do Tejo (Portugal). O sítio do Cachão do Algarve. Instituto Politécnico de Tomar e Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Dissertação de Mestrado).
- ROSINA, Pierluigi; COLLADO, Hipólito; GARCÊS, Sara; GOMES, Hugo; LATTAO, Virginia; EFTEKHARI, Negar; LEIS, Marilena; NICOLI, Maria; VACCARO, Carmela – (2023) Analysis and State of Conservation of Prehistoric Pigments in Juanita Rock Art- Shelter, (Oliva De Mérida, Badajoz, Spain). *Open Access Journal of Archaeology & Anthropology*, 5(1).
- SÁ, Sofia (2015) – *Turismo arqueológico: um projeto de valorização da arte rupestre no vale do Lima*. Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).
- SANCHES, Maria de Jesus (1985-1986) – O abrigo com gravuras esquemáticas das Fragas da Lapa – Atenor, Mirando do Douro. *Portugália*, vol. VI/VII, pp. 7-20.
- SANCHES, Maria de Jesus (1987) – O Buraco da Pala – um abrigo pré-histórico no concelho de Mirandela (Notícia Preliminar das escavações de 1987). *Arqueologia*, 16, pp. 58-77.
- SANCHES, Maria de Jesus (1990) – Os abrigos com pintura esquemática da Serra de Passos – Mirandela, no conjunto da arte rupestre desta região. Algumas reflexões. *Revista da Faculdade de Letras-História*, 2ª série, 7, pp. 335-366.
- SANCHES, Maria de Jesus (1992) – Pré-História Recente no Planalto Mirandês (Leste de Trás-os-Montes). *Monografias Arqueológicas*, 3. Porto: Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto (GEAP).
- SANCHES, Maria de Jesus (1997) – *Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro (o Abrigo do Buraco da Pala no Contexto Regional)*, 2 vols. Porto: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (SPAÉ).
- SANCHES, Maria de Jesus (2006) – Abrigo do Buraco da Pala (Serra de Passos/Santa Comba) In BROCHADO DE ALMEIDA, Carlos A. (coord.), *História do Douro e do Vinho do Porto: História Antiga da Região Duriense*, vol. 1, Edições Afrontamento, Porto, pp. 91-94.
- SANCHES, Maria de Jesus (2008-2009) – Arte dos Dólmenes do Noroeste da Península Ibérica: uma revisão analítica. *Portugália*, Nova Série, vol. XXIX – XXX, pp. 5-42.
- SANCHES, Maria de Jesus (2011) – As estelas antropomórficas de Picote – Miranda do Douro (Trás-os-Montes), In VILAÇA, R. (coord.). *Estelas e Estátuas-menires: da Pré à Proto-História*. Actas das IV Jornadas Raianas, Sabugal, pp. 143-174.
- SANCHES, Maria de Jesus; JORGE, Vitor Oliveira (1987) – A “estátua-menir” da Bouça (Mirandela). *Arqueologia*, 16, pp. 78-82.
- SANCHES, Maria de Jesus; LEBRE, Anabela Gomes (1986) – O abrigo com arte rupestre da Solhapa – Duas Igrejas, Miranda do Douro. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, XXVI, pp. 129-142.
- SANTOS, Ana Filipa Amor dos (2020) – *Em busca de “body worlds”: Representação (e evocação) do corpo humano em objetos pré e proto-históricos da Península Ibérica*. Universidade de Coimbra (Tese de Mestrado).
- SANTOS, Ana Filipa C. (2014) – *A Laje da Churra (Paço, Carreço, Viana do Castelo): estudo monográfico de um lugar gravado*. Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

SANTOS, André Tomás (2017) – *A arte paleolítica ao ar livre da bacia do Douro à margem direita do Tejo: uma visão de conjunto*. Universidade do Porto (Tese de Doutoramento).

SANTOS, M. Farinha dos; GOMES, Mário Varela; MONTEIRO, Jorge Pinho (1980) – *Descobertas da arte rupestre na Gruta to Escoural (Évora, Portugal)*. Altamira *Symposium*, pp. 205-242.

SANTOS JÚNIOR, Joaquim (1940) – *Arte Rupestre em Portugal*. *Congresso do Mundo Português*, vol. 1, Lisboa: Alfa, pp. 327-376.

SANTOS JÚNIOR, Joaquim; AZEVEDO, R, (1960) – *Gravuras rupestres de Linhares*. Ensaio interpretativo. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. XVIII, pp. 43-62.

SANTOS, João Carlos Cardoso dos (2016) – *Arte rupestre no Planalto de Carrazeda de Ansiães*. Contributos para o seu estudo. Universidade do Porto (Dissertação de Mestrado).

SANTOS-ESTÉVEZ, Manuel (2013) – *Unha visión diacrónica da arte atlántica dentro dun novo marco cronolóxico*. in Ia Mesa Redonda. *Artes Rupestres da Pré-História e da Proto-História: paradigmas e metodologias de registo*. Revista Portuguesa de Arqueologia, pp. 219-238.

SARMENTO, Francisco Martins (1878) – *Signaes gravados em rochas*. *A Renascença*, p. 25.

SARMENTO, Francisco Martins (1888a) – *A propósito dos “Roteiros de Tesouros”*, *Revista de Guimarães*, vol. 5(1), pp. 5-11.

SARMENTO, Francisco Martins (1888b) – *Antigualhas*. *Revista de Guimarães*, vol. 5(4), pp. 157-163.

SENNA-MARTINEZ, João Carlos; MARTINS, Ana Cristina (2021) – *Irisalva Moita and the Megalithism of Beira Alta: some reflections, half a century later*. *SCAENA*, 2, pp. 108-121.

SERRÃO, Eduardo da Cunha; LEMOS, Francisco Sande; MONTEIRO, Jorge Pinho.; QUEROL, Maria Ángeles.; LOPES, Susana; JORGE, Vítor Oliveira (1972) – *O Complexo da Arte Rupestre do Tejo (Vila Nova de Rodão – Nisa)*. Notícia preliminar. *Arqueologia e História*, 9^a, 4, pp. 349-397.

SERPA PINTO, Rui de (1929) – *Petroglifos de Sabroso e a arte rupestre em Portugal*. *Nós*, no 62, pp. 19-26.

SERPA PINTO, Rui de (1931) – *Notas sobre as cartas de Portugal pre-historico*, XV^o *Congrè International d’Anthropologie et d’Archéologie Préhistorique*, pp. 463-465.

SILVA, Andreia (2020) – *Representações antropomórficas na arte móvel da Proto-História do vale do Sabor (Trás-os-Montes Oriental)*. Universidade do Minho (Dissertação de Mestrado).

SILVA, António Carlos (2001) – *A Minimização de Impactes Arqueológicos no Alqueva e a “Arte Rupestre do Guadiana”*. *Al-Madan*, II^a série, 10, pp. 80-86.

SILVA, António Carlos (2002) – *Avaliação dos impactos arqueológicos em Alqueva: a formação do “Quadro Feral de Referência”*. *Al-Madan*, II^a série, 2, pp. 56-62.

SILVA, António Carlos (2011a) – *A geração do Tejo*. AÇAFa On Line, no 4, Consultado em https://www.altotejo.org/acafa/docsn4/A_geracao_do_Tejo_A_Carlos_Silva.pdf.

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



- SILVA, António Carlos (2011b) – *Uma Gruta Pré-Histórica no Alentejo – Escoural*. Ministério da Cultura, Direcção Regional de Cultura do Alentejo.
- SOUTO, Alberto (1932) – Arte Rupestre em Potugal (Entre Douro e Vouga). As insculuras da Serra de Cambra e de Sever e a expansão das combinações circulares e espiraladas no noroeste peninsular. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. V(IV), pp. 285-300.
- SOUTO, Alberto (1938) – Arte Rupestre. As insculuras do Arestal e o problema das combinações circulares e espiraloides do noroeste peninsular. *Arquivo do Distrito de Aveiro*, vol. IV, n. 13 (I), pp. 5-19.
- TWOHIG, Elizabeth Shee (1981) – *The Megalithic Art of Western Europe*. Oxford: Clarendon Press.
- VALDEZ, Joana; OLIVEIRA, Lucínia (2005/2006) – Arte Rupestre da Citânia de Briteiros. O Penedo dos Sinais, um caso Atlântico. *Revista de Guimarães*, 115-116, pp. 51-92.
- VALDEZ-TULLETT, Joana (2017) – *Design and Connectivity. The Case of Atlantic Rock Art*. Universidade de Southampton (Reino Unido) (Tese de Doutoramento).
- VALDEZ-TULLETT, Joana; FIGUEIREDO-PERSON, Sofia (2023) Digital Rock Art: beyond ‘pretty pictures’ [version 1; peer review: 2 approved, 1 approved with reservations]. *F1000Research*, 12:523. (<https://doi.org/10.12688/f1000research.127249.1>).
- VALE, Ana (2010) – Translating Materials into Activities and Activities into Persons: The Persistence of Gender Prejudices in Past Narratives in the Iberian Peninsula. In L.H. DOMMASNES; T. HJØRUNGDAL; S. MONTÓN-SUBÍAS; M. SÁNCHEZ ROMERO; N.L. WICKER (eds) *Situating Gender in European Archaeologies*. Budapest: Archaeolingua, pp. 137-153.
- VALE, Ana (2015) – A mulher e a Pré-História. Alguns apontamentos para questionar a tradição e a tradução da Mulher-Mãe e Mulher-Deusa na arqueologia pré-histórica. *Conimbriga*, vol. LIV, pp. 5-25.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1896) – Um monumento nacional. *O Archeologo Português*, vol. II, p. 225.
- VASCONCELLOS, José Leite de (1897) – *Religiões da Lusitânia*, vol. I. Lisboa: Imprensa Nacional.
- VEIGA, Sebastião Estácio da (1886) – Antiguidades Monumentaes do Algarve, vol. II. *Imprensa Nacional*, pp. 297-609.
- VIANA, Abel (1929) – As insculuras rupestres de Lanhelas (Caminha, Alto Minho). *Portucale*, vol. II, no 10.
- VIANA, Abel (1960) – Insculuras rupestres do Alto Minho (Lanhelas e Carreço – Viana do castelo, Portihal). *Boletín de la Comisión de Monumentos de Orense*, tomo XX.
- ZILHÃO, João (1995) – The age of the Côa Valley (Portugal) rock art: validation of archaeological dating to the Palaeolithic and refutation of “scientific” dating to historic or proto-historic times. *Antiquity*, 69 (266), pp. 883-901.
- ZILHÃO, João (Coord.) – (1997) *Arte Rupestre e pré-história do Vale do Côa. Trabalhos de 1995-1996. Relatório Científico entregue ao Governo da República Portuguesa elaborado*

nos termos da Resolução do conselho de Ministros no 4/96, de 17 de Janeiro. Lisboa: Ministério da Cultura.

ZILHÃO, João (2003) – Vers une chronologie plus fine du cycle ancien de l'art paléolithique de la Côa: quelques hypothèses de travail. In BALBÍN-BEHRMANN, R.; RAMÍREZ- BUENO, P. (Eds) *El Arte Prehistorico desde los inicios del siglo XXI. Primer Symposium Internacional de Arte Pre-historico de Ribadesella*. Ribadesella: Asociación Cultural Amigos de Ribadesella, pp. 75-90.

ZILHÃO, João (2004) – Further lessons in integrity. A final reply to Robert Bednarik. *Public Archaeology*, 3, pp. 245-247.

ZILHÃO, João; AUBRY, Thierry; CARVALHO, António Faustino; ZAMBUJO, Gertrudes; ALMEIDA, Fernando (1995) – O sítio arqueológico paleolítico do Salto do Boi (Cardina, Santa Comba, Vila Nova de Foz Côa). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35 (4), pp. 471-497.

ZILHÃO, João; AUBRY, Thierry; CARVALHO, António Faustino; BAPTISTA, António Martinho; GOMES, Mário Varela; MEIRELES, José (1997) – The rock art of the Côa Valley (Portugal) and its archaeological context: first results of current research. *Journal of European Archaeology*, 5 (1), pp. 7-49.

Estudos
Sobre
Arte
Rupestre

In
memoriam
Andrea
Martins



Para mim, as pinturas ou gravuras existentes em rochas ao ar livre, abrigos ou grutas são unicamente um artefacto arqueológico e, como tal, deverão ser tratadas como todos os outros. Necessariamente terão de estar integradas no seu contexto arqueológico, que neste caso não é uma sucessão estratigráfica de sedimentos, mas antes diversos parâmetros analíticos a diversas escalas, iniciando-se sequencialmente do pormenor para o geral através da análise do motivo, seguindo-se o painel, o abrigo, o contexto arqueológico, o território e a paisagem pré-histórica. Claro que são um artefacto distinto, com uma carga ideológica inerente muito explícita, pois representam grafismos elaborados directamente pelo homem ou mulher pré-históricos, factor presente em todos os artefactos arqueológicos, mas que neste caso provoca uma emoção e uma sensação de contacto mais próximo e íntimo com o Passado.

Andrea Martins, 2014

